LAMPIÃO da esquina

Ano 2/nº 24 Rio de Janeiro, maio de 1980- CR$ 30,00 Leitura para maiores de 18 anos

HOMOSSEXUAIS, A NOVA FORÇA

NO ENCONTRO EM SÃO PAULO, BICHAS E LESBICAS OCUPARAM O MESMO ESPAÇO. FEMINISTAS VIRAM A MESA

QUEREM MATAR OS TRAVESTIS

Um encarte grátis: EXTRA/LAMPIÃO Nº 2

O homem nu está na pg. 9

Um apelo da tradicional família Mesquita: prendam, matem e comam os travestis!

Tendo como ponto de partida um crime cometido por travestis numa zona residencial de São Paulo, o jornal "Estado de São Paulo" publicou nos dias 28 e 29 de março duas reportagens em que, com a escusa de prestar serviços públicos, comentava a invasão destes nas ruas da Capital e alertava a população para "o perigo dos travestis". Aparentemente úteis e até didáticas às pessoas alheias ao assunto, as reportagens porém revoltaram os mais esclarecidos porque o sisudo jornal, que sempre evitou referências ao homossexualismo em suas páginas, fazia-o então, mas de forma incitadora de violância, snsacionalista, como qualquer dos seus colegas da imprensa marron.

A verdadeira razão das reportagens porém apareceu no mesmo jornal alguns dias depois, numa notícia fria, calculada. Tudo se esclarecia: de comum acordo, o delegado da Seccional Sul da Polícia e o coronel comandante da Polícia Militar planejaram unir as forças de ambas as polícias, civil e militar, num amplexo de mútua e construtiva compreensão (que nunca existia entre elas), a fim de combater a criminalidade, utilizando todo o dispositivo possível de homens e viaturas para deter os travestis nas ruas, enquandrando-os no crime de vadiagem. (Isto enquanto a lei não puder ser modificada, sujeitando o homossexualismo a outras penalidades). Para que tal plano dê resultados, sugerem ainda que se reforce a Delegacia de Vadiagem de Deix e que se faça uma reforma no Presídio do Hipódromo (recentemente desaticado por ser considereado inabitável), para abrigar homossexuais.

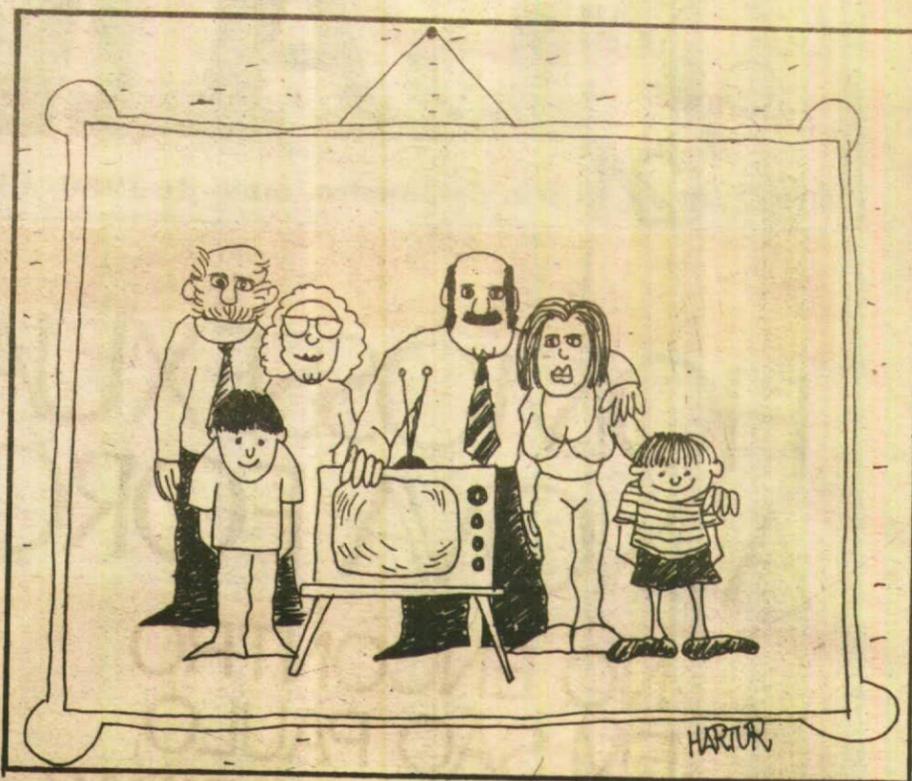
Observe-se, abrindo um parêntese, que tanto nas duas reportagens como nessa notícia, as palavras "Travesti" e "Homossexual" foram usadas sem a especificação adequada, o que pelo menos para o grande público se faria necessário. Completando o plano, pensaram também em fonfinar os travestis em algumas ruas da região da "boca do lixo", protegendo as famílias dos assaltos e chantagens, "além de evitar aquela visão desagradável dos invertidos oferecendo o corpo pelas ruas decentes da cidade".

Esse plano de repressão, como se vê, configura-se de muita gravidade porque, além de contrariar a nossa constituição, violenta o direito humano de não segregação. É tanto mais grave ainda porque, se for aprovado (e neste país tudo pode acontecer!...) abrirá precedente a que se criem prisões especilizadas para **tudo e todos** que por qualquer razão possam ser incômodos à ideologia do sistema. Assim, além dos homossexuais, as feministas, os negros, os índios, etc. e tantos quantos reivindiquem direitos, poderão ser enquadrados e... com o requinte de delegacias e prisões especializadas.

Ocorre-me, de repente, um lapso por esquecimento ou ingenuidade: em matéria de **especializadas**, já tivemos até bem recentemente prisões políticas e temos em pleno funcionamento os hospitais (?) para loucos e a própria FEBEM, que mal disfarça a sua missão geradora de marginalizados irrecuperáveis. A lista desses "espécimes indesejáveis" poderá então vir a ser bastante extensa porque orientada ao sabor de uma mentalidade totalitária que esquece que não só de "obedientes e comportados" (filhos diletos que usufruem as vantagens do sistema), é que se compõe a estrutura de uma nação. Também, os chamados minoritários, idem os marginalizados, ecônomca e socialmente, têm o direito de exigir soluções para os seus problemas, dos quais eles são o resultado enão a causa. Porém o que se faz atualmente, por inépcia ou para satisfazer interesses dúbios, é exatamente o contrário: tenta-se conter pela repressão so males que a própria sociedade dominante criou e continua criando.

Soube-se há pouco pelos jornais de uma nova classe de reprimidos, na Rússia. Pasmem: a dos paraplégicos ou portadores de defeitos físicos, que lá são confinados em uma ilha-prisão. Será que aqui chegaremos a esse ponto?

Mas voltemos ao "Estadão". Além de não proporem qualquer solução além da repressão policial aos travestis (perdão, aos homossexuais), as reportagens incitam sutilmente a uma "revanche" pelas violências praticadas pelos travestis-prostitutos. (E os heteros, marginais ou não, também não as praticam?) É preciso ter em mente antes de fazer uma coisa dessas, que numa civilização neurotizada como a nossa, os justiceiros voluntários estão sempre prontos a entrar em ação, à espera de um sinal apenas, em nome de um ideal qualquer, ou simplesmente à procura do prazer de uma aventura sádica, principalmente quando acobertados e garantidos pelo sistema. Quantos homossexuais ou prostitutas já não foram assassinados assim?

A prostituição pelo travestismo é um fenômeno relativamente novo no enorme painel da sexualidade. Sendo que no Brasil ele está atingindo proporções inimagináveis. Por que justamente aqui? Um inglês meu amigo, recém-chegado a São Paulo, ficou surpreso com o número de travestis prostituindo-se pelas ruas. "Na Inglaterra é uma opção. Alguns se prostituem, mas não necessitam porque em geral têm outros "trabalhos". Constata-se então que a prostituição do travesti aparece no Brasil como um dos espelhos (um dos muitos) da nossa miséria, da nossa incultura, da nossa desigualdade social e econômica e conseqüentemente do elitismo do nosso poder político.

É fato comprovado que o travesti-prostituto vem em sua maioria das camadas proletárias da nossa sociedade e que antes de adotar como embalagem o traje feminino quase sempre imigrou de lugar menor para uma cidade grande. Com formação educacional primária, calejado desde a infância na sua cidade pela incompreensão familiar e pela opressão social, chega por aqui só com a coragem, pernas dispostas a correr da polícia e com a sagacidade, que algumas vezes advém curiosamente, da sua condição sexual — porém, inaptos, mesmo para os subempregos para os quais os patrões também dão prioridade aos heteros", porque não desmunhecam".

O travestismo a nível de prostituição, como tantos outras mazelas nacionais, é conseqüência da nossa fome. Mas existe outro fator paralelo ou digamos complementar: nós que vivemos numa e para uma sociedade consumista sabemos que o postulado básico do "marqueting" é: "Só existe a oferta onde existe a procura." Porque o travestismo de rua surgiu também como uma exigência do mercado sexual das grandes cidades e, **para servir o mercado heterossexual** (ou o que se esconde sob a aparência dele), servindo como válvula de escape para os homossexuais não assumidos (um número tão grande que "é capaz de sustentar profissionalmente cinco mil travestis, só em S. Paulo!). Essa clientela é em sua maioria composta de respeitáveis chefes de família que não têm (ou não tiveram, no devido tempo) a coragem ou a possibilidade de procurar se relacionar com homossexuais seus iguais, recorrendo então ao travesti, que na maneira deles de ver é **quase** uma mulher...

O que está verdadeiramente errado? O sistema proporciona (quando não impõe), mais facilidades de vida ao homossexual que queira negar sua natureza adotando as regras e comportamentos heteros que convêm ao sistema. Este homem agüenta o quanto pode mas... mais cedo ou mais tarde escorrega pelas tangentes (quase sempre de pernas abertas) porque ninguém é de ferro. "Faça por não demonstrar e nós faremos de conta que não estamos vendo", dizem as convenções — isto, até que os resultados dessa mistificação transbordem em forma de mazelas sociais, o que nenhum "band-aid" de última hora consegue esconder, muito menos curar. Reprimir, como se está planejando por aqui? Temos eloquentes exemplos na história, de como as repressões levam a grandes catástrofes.

Foi bastante importante a participação dos (poucos) travestis que tiveram a coragem de comparecer ao I Encontro Brasileiro de Homossexuais. Seus depoimentos pessoais sobre repressão, maus tratos e extorsões que sofrem, tiveram a força de um libelo, exigindo urgentes providências de nós, os homossexuais, contra a máquina da repressão do sistema que ainda não foi desativada, como se andou propalando. Tudo faz crer (tomara que não) que esteja em fase de descanso para reparos. Não podendo mais ser usada para fins políticos devido às modernas e anunciadas aberturas, usará sua força para impor a moral de conveniência dos sistema aos indesejáveis mais óbvios: os homossexuais e particularmente os travestis — porque de qualquer forma, além do mais, é preciso manter o empreguismo, conservar em ponto neutro a desinformação ou, em última instância, satisfazer de alguma maneira o sadismo das massas. Mesmo sem pão, abrem-se as portas do circo — ou da arena. E o povão ingênuo, não percebendo a armadilha, aplaude e pede bis. (**Darcy Penteado**)

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição — Aguinaldo Silva

Colaboradores — Leila Miccolis, Rubem Confete, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues,, Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho e Carlos Alberto Miranda (Niterói); Marisa, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton Almeida (Vitória)z; Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasilia); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madri); Addy (Londres); Celestino (Paris); Anton Leicht e Nestor Perkal (Frankfurt).

Fotos — Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro (Rio); Fanny e Cris Calix, e Dimas Schitni (São Paulo), e arquivo.

Arte — Dimitri Ribeiro (coordenador), Nélson Souto (diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hildebrando de Castro, José Carlos Mendes e Levi.

Arte Final — Antônio Carlos Moreira

Publicidade — César Augusto de Almeida Campos

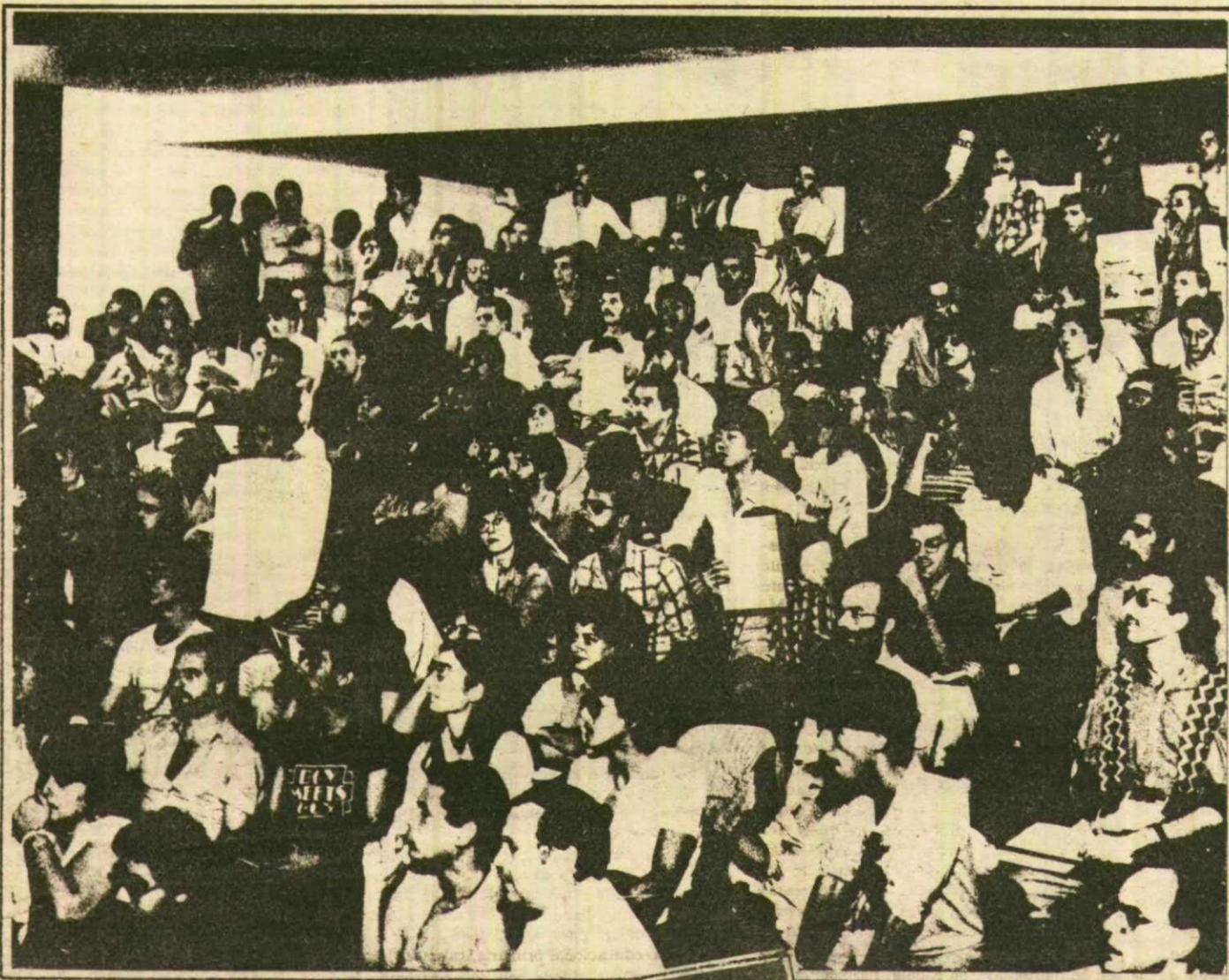
LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina-Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001-30; Inscrição estadual, 81.547.113.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20400 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — **Rio:** Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo:** Paulino Carcanheti; **Salvador:** Livraria Literarte; **Florianópolis e Joinville:** Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; **Belo Horizonte:** Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; **Porto Elegre:** Coojornal; **Curitiba:** J. Ghignone e Cia. Ltda.; **Vitória;** Angelo V. Zurlo; **Campos:** R.S. Santana; **Jundiaí; Jundiaí:** Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.; **Campinas:** Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda. e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.; **Ribeirão Preto:** Centro Acadêmico de Filosofia; **Juiz de Fora:** Ercole Caruso & Cia. Ltda.; **Londrina:** Livraria Reunida Apucarana Ltda.; **Brasília:** Anazir Vieira da Silva; **Goiânia:** Agrício Braga & Cia. Ltda.; **Recife:** Diplomata — Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.; **Fortaleza:** Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.; **Manaus;** Stanley Whide.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 360,00. Número atrasado: Cr$ 40,00. Assinatura para o exterior: US$ 25,00.

Isso também é Brasil!

"Quando saí do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, após a sessão aberta do 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais, trazia comigo uma certeza: alguma coisa mudou, neste país, a partir daquele dia" (Francisco Bittencourt). O noticiário completo sobre o 1º EBHO está nas cinco páginas seguintes.

Fotos: Fanny/Cris LF Artes

Homossexuais, a nova força

"Pegue um ônibus na Praça da República, das linhas que passam pela Av. Dr. Arnaldo e desça na porta do cemitério", me explicou o amigo. "Meu Deus, que coisa mais macabra, num cemitério! Quem teve a idéia? Garanto que foi alguém do SOMOS." O outro, que é do SOMOS/SP, irritou-se imediatamente, surgiu nele o militante enfezado, só faltando o trabuco na mão. "No cemitério o que, bicha burra, e de qual SOMOS você está falando?" Ele me parecia tão ameaçador, que disfarcei: "Do carioca, ora. Vocês aqui já estão na fase da guerrilha, enquanto que a gente por lá continua na base das idéias exóticas, como a bundinha de fora em Ipanema, né? Fazer o encontro num cemitério por falta de outros locais poderia ser muito bem uma inspiração de carioca gozador."

O diálogo acima (como outros que poderão seguir) é um pouco por conta da imaginação bichesca, que não deve sucumbir diante de tanto congresso, conclamação, ameaça de passeata, palavras de ordem e o escambau. Em 68, Paris ficou toda picada com a palavra de ordem "Viva a imaginação" e eu acho que ainda hoje ela é válida. Já pensaram na gente dando uma de Lula, tratando os amigos de "companheiros(a)s" e fazendo comícios para 100 mil pessoas? Passaríamos a ser uma das muitas faces do sistema. Ou não? Mas vamos em frente. Descemos na porta do cemitério, todos os passageiros — o ônibus estava lotado de bichas — e atravessamos a rua até a Faculdade de Medicina onde, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, teria início às duas horas daquela sexta-feira santa a fase inicial de reuniões fechadas do 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais.

Já no jardim da faculdade notava-se o forte esquema de segurança armado para impedir a entrada de pessoas não constantes das listas de inscritos. Como não faço parte de nenhum grupo fui logo barrado na porta. Me senti a coisinha mais insignificante da terra, meu nome não estava nem na lista negra. Enquanto isso os outros, às dezenas, iam ganhando seus crachás e sendo admitidos no sagrado local onde ocorreriam os debates. Confesso que me retirei para um canto do jardim quase em lágrimas, me achando a própria gata borralheira. Sentei-me numa possante moto que estava ali e passei a sonhar que o seu dono iria me raptar a qualquer momento para passarmos momentos inesquecíveis nalgum hotel da zona da Rodoviária (a moto era afinal de uma lésbica maravilhosa, que conheci mais tarde e que me deu uma estonteante carona em sua máquina), quando um dos membros da comissão organizadora veio me buscar, já com um enorme crachá na mão, que pregou na minha camisa. Entrei pelo corredor polonês da segurança do encontro dando rabanadas para a criança que tinha me barrado e, nem sei se devo contar, já no fim desse dia tínhamos feito as pazes e, nas folguinhas dos debates, andávamos nos encontrando seguidamente demais nos mictórios e quebradas, sem nunca deixar de trocar beijos, como dois bons irmãos.

Grilos e Vitórias

Fui incumbido por **Lampião** de fazer a crônica desses três dias memoráveis que reuniram em São Paulo homossexuais de todo o Brasil. Meu relato não terá rigor cronológico nem falarei de tudo o que aconteceu no 1º EBHO, pois as coisas se passaram em várias salas ao mesmo tempo (na parte fechada do encontro) e com grande riqueza de detalhes. Tenho a ajudar-me na colocação dos fatos um **aide-memoire** preparado por Peter Fry que, como autêntico cientista, anotou tudo, até os aplausos e as pauleiras. O que houver portanto neste relato de veraz e de minúcia realista, creditem a Peter Fry; as fantasias a mim. A ambos, o entusiasmo e a emoção.

A sessão inaugural foi aberta sob intenso nervosismo. Não era para menos. Três grupos, durante dois meses, trabalharam até a mais com-

pleta exaustão para que tudo desse certo nos mínimos detalhes. SOMOS, EROS, LIBERTOS são os grupos paulistas que deram tudo de si para o êxito desse encontro, mas para bem da verdade é preciso que se diga que tudo começou em dezembro último, quando no Rio, em reunião preparatória, foi decidida a realização em São Paulo do que seria um congresso de homossexuais. O nome mudou, mas a idéia foi desenvolvida com grande brilho, com o auxílio dos grupos cariocas, do interior de São Paulo e de Brasília.

Assim, o nervosismo da abertura era compartilhado por todos, como o foram os grilos e as expectativas no decorrer do encontro e a sensação de vitória no final. Um membro do LIBERTOS me confessou no dia seguinte ao encerramento: "Estamos todos tristes. O que há agora é uma sensação de vazio, depois de tanto trabalho e brigas." Luiz Antônio, do SOMOS paulista, conta que fez reuniões em sua casa com até 40 pessoas onde quebraram paus monumentais. "E em dado momento o encontro esteve por um triz", informa ele.

É que duas semanas antes da realização do 1º EBHO quase toda sua comissão organizadora esteve presa durante cinco horas por causa de um incidente no Largo Arouche. Jogaram água de um apartamento no pessoal que estava na calçada e, como bons ativistas, todos passaram a reclamar, indo afinal parar na delegacia. O delegado resolveu enquadrar algumas das bichas por vadiagem, porque não tinham carteira assinada (autônomos), todas justamente da comissão organizadora do encontro. "Tiramos a Alice Soares da cama às quatro da manhã e ela naturalmente nos livrou da cadeia depois de ser muito maltratada pelo delegado de maus bofes." (Para quem não se lembra, Alice Soares é a advogada do Centro Acadêmico XI de Agosto, hoje considerada a santa dos travestis e homossexuais paulistas em geral.)

Mas enfim, estávamos todos reunidos para a sessão de abertura do 1º EBHO no Teatro do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP. Os grupos presentes: SOMOS (SP), Ação Lésbico-Feminista (SP), EROS (SP), LIBERTOS (Guarulhos), AUÊ (RJ), SOMOS (RJ), SOMOS (Sorocaba) e BEIJO LIVRE (Brasília). Havia também representantes das cidades de Belo Horizonte, Vitória, Goiâna e Curitiba. Cerca de 200 pessoas. A mesa iniciou os trabalhos tentando manter um tom não emocional, mas era evidente que todos os gestos e todas as palavras pronunciadas na abertura daquela sessão estavam carregados de emoção. As pessoas ficariam relaxadas mais tarde, nos debates por pequenos grupos dos 11 temas gerais previstos na pauta dos trabalhos. Uma das primeiras providências da mesa foi apresentar ao plenário uma moção de apoio aos metalúrgicos em greve, que foi aprovada por aclamação. A seguir, ficou resolvido que o encontro iria discutir os temas gerais e os específicos aos grupos, mas que não teriam essas discussões caráter deliberativo e que suas conclusões tomariam a forma de recomendações.

A Solidão é Imposta

Com os participantes do encontro divididos em 11 grupos de debates ficou muito difícil para o repórter manter, a partir daí, uma visão geral do que estava acontecendo. O local cedido pelo Centro Acadêmico é enorme mas, mesmo assim, suas salas me pareceram todas repletas em dado momento. O interessante foi que se podia notar que alguns grupos permaneceram muito calmos todo o tempo, enquanto que os outros pareciam estar travando uma luta de foice no escuro tal a violência e a altura dos debates. No fim, porém, tudo terminou bem, ou quase. Houve, que eu saiba, apenas uma defecção do campo de batalha. Um dos mais inteligentes e brilhantes debatedores do tema "Reformulação partidária e homossexualismo; lançamento de um candidato homossexual nas eleições, dentro das estruturas políticas vigentes. Nossa participação nas esquerdas brasileiras. Como fica o movimento homossexual, acusado de ser luta secundária, frente a uma luta maior que seria a mudança da estrutura social? Homossexualismo e anarquismo como negação do poder"; não voltou no dia seguinte por ter sido vencido na tese de que os homossexuais não devem, por enquanto, atender ao canto de sereia dos políticos nem participar, como massa de manobra e bucha de canhão da "luta maior".

Esse jovem homossexual que desertou estava ali para desempenhar um papel muito bem delineado por seu partido político, o PC do B, e a sua não participação no restante do encontro criou uma lacuna nos debates. Aliás, o 1º EBHO contou com a presença de representantes **gays** de vários grupos políticos como o PT, o PC e a Convergência Socialista. Não podemos deixar de cumprimentar esses ativistas políticos que, infiltrados (se é que é essa a palavra) num encontro que se pretendia de caráter puramente homossexual, conseguiram conduzir tantas vezes os debates para aquela que seguramente será em breve a questão crucial dos homossexuais organizados brasileiros: somos ou não parte da nação, de seu sistema, ou optamos por repudiar qualquer forma de participação numa sociedade que consideramos injusta e opressora? Um detalhe: o que mais me causou espanto diante desse elenco de ativistas políticos foi o forte sotaque americano da Convergência Socialista. De fato, como os homossexuais, eles podem dizer "Nós estamos em toda a parte".

O debate que atraiu mais participantes foi "A questão lésbica. O machismo entre homossexuais e papéis sexuais". Cerca de 70 pessoas permaneceram reunidas durante duas horas e meia em acesas discussões, sem, no entanto, conseguir chegar a um entendimento. Não se pode deixar de dar destaque ao mais coeso, mais treinado para falar, mais articulado e mais coerente dos grupos presentes ao encontro, que é a Ação Lésbico-Feminista, do SOMOS/SP. Trata-se na verdade de uma facção, que se destaca logo por seu comportamento altamente político (no sentido mais amplo do termo), atuando sempre em uníssono e conseguindo várias vitórias para as suas teses (só perdeu, por um voto, na proposta de congraçamento entre homossexuais e operários no 1º de Maio).

Na minha imaginação desvairada cheguei a me sentir em plena Assembléia Nacional da Revolução Francesa quando a Ação Lésbico-Feminista colocou-se em bloco, inconscientemente ou não, na extrema-esquerda das arquibancadas do plenário. Para mim ali estavam os verdadeiros revolucionários, os jacobinos do futuro, capazes de levar à frente um projeto de luta, enquanto nos outros grupos eu começava a detectar um certo bizantinismo, o prazer do aparte pelo aparte e o subjetivismo típico dos que ainda tateiam em terrenos minados pela metafísica.

E Teca, a líder da Ação Lésbico-Feminista, começou a parecer na minha imaginação a nossa Saint-Just, o belo e terrível herói da Revolução Francesa. Também ela é bela e capaz de arrebatar as platéias com seu dicurso preciso, onde não sobram nem faltam palavras, onde encontramos justamente aquilo que estávamos querendo expressar. Mas Teca é também, e eu acho isso ótimo, uma vedete no sentido mais moderno do termo. Ela respira melhor diante de grandes auditórios e sentimo-la vibrar de emoção quando a aplaudem e gritam seu nome. Teca é uma vedete, uma estrela, e acredito que um de seus maiores prazeres seja o de roubar o **show**, como se diz na gíria teatral, quando ela vê que o **show** começa a dar sono.

Fora os temas de discussão sobre o homossexual e a política e sobre machismo e lesbianismo, todos os outros despertaram pouca atenção e tiveram parcos resultados. Alguns chegaram a conclusões delirantes como o quarto tema, "A questão da solidão, da velhice, da beleza e da competição", cujo grupo responsável pelos debates resolveu que "a solidão é imposta", sem dizer por quem. Nesse mesmo grupo particularizou-se muito a questão de velhice e competição dando como exemplo o que ocorre num bar de São Paulo, "Caneco de Prata", que para os homossexuais de outras cidades não queria dizer absolutamente nada.

Outros grupos, como os que discutiram "Homossexualismo no presídio" e "Michês". O travesti e a repressão" voltaram de seus encontros com relatos obtusos e enganados, com a desculpa de que não havia nem ex-presidiários nem michês ou travestis em seus respectivos grupos para poderem testemunhar sobre o que sofreram na carne. Teriam feito melhor se tivessem se dissolvido por sentirem-se incompetentes, como fez o grupo que tentou discutir o tema "O homossexual diante da influência estrangeira e a procura de um modelo brasileiro de homossexual", que foi oferecido a debate pelo grupo GAAG, de Caxias, RJ, hoje dissolvido por graves problemas de falta de incentivo.

Um sapato — O Símbolo da Repressão

Não é possível dar aqui todo o painel do que seu passou tanto no CAOC como no teatro Ruth Escobar, apenas os momentos de maior impacto, ou **flashs** dos figurantes que mais se destacaram. Do Rio, sem dúvida, Leila Miccolis foi o participante mais ativo, trabalhando o tempo todo, sem nunca perder o bom humor e com uma resistência como relatora — de mais de um grupo e do plenário do segundo dia — de dar inveja a muita bicha. Leila tem o dom não só de aplacar os mais exaltados como de colocar em termos perfeitamente coerentes em seus relatos as propostas mais estapafúrdias.

No sábado, todo mundo ainda estremunhado do embalo de sexta à noite na boate Mistura Fina, onde aconteceram coisas maravilhosas e lances de baixíssimo astral, foi feita a colocação dos resumos de debates do dia anterior. Foi aí que o pau quebrou feio mesmo, com muito grito e, pode-se dizer, falta de compostura da mesa que num gesto dos mais repressores e subconscientemente fetichista e sadomasoquista colocou um sapato (na verdade uma bota de cano curto) em cima da mesa e com ele batia desesperadamente na madeira cada vez que o plenário "comportava-se mal". No meu entender essa foi uma atitude totalmente indigna (ainda que suas conotações sejam subconscientes) de um congresso que se pretendeu libertário. O mais engraçado é que nem um dos debatedores do plenário protestou contra o papai de chinelo sentado na mesa. Não é por isso que dizem que as bichinhas gostam mesmo é de apanhar?

Falou-se muito em manobrismo em alguns círculos do encontro. O exemplo desse manobrismo seria uma abaixo-assinado que correu pelo plenário na manhã de sábado pedindo a formação de uma secretariado nacional de grupos homossexuais, ou de um politiburo, para sermos mais claros, e isso depois de uma proposta semelhante ter sido rejeitada. O que significaria de fato reunir os incipientes grupos homossexuais brasileiros sob um secretariado todo poderoso? Simplesmente transformar esses grupos em massa de manobras para os interesses dos donos do poder dentro do secretariado. Felizmente o tal abaixo-assinado nem sequer foi considerado pela mesa. O que quer dizer que desta vez nos salvamos. Mas e na próxima?

O Ato Final

Passemos agora para o 3º ato do nosso encontro, que o meu espaço está acabando. Domingo, desde muito cedo, todo o pessoal já estava a postos no teatro Ruth Escobar para encerrar, pela manhã, a parte fechada dos debates e, à tarde, fazer a reunião aberta para a qual foram convidados os outros grupos minoritários. A sala em questão tem lugar para 600 pessoas, mas lá estiveram mais de mil, segundo a grande imprensa.

Junto com os representantes dos grupos que participaram da primeira parte do encontro sentaram-se à mesa a Dra. Alice Soares, representantes do Centro da Mulher Brasileira e do Movimento Negro Unificado, assim como um travesti muito bonito, bem vestido e extremamente emocionado, que se apresentou como Maria Padilha. Esta, em resumo, disse ser de Vitória e que está há seis meses em São Paulo. Nenhum outro travesti quis ir, por isso ela estava ali. A frase mágica, que colocou a assistência de pé, foi: "Essa história de homossexual, travesti, é papo furado. Nós somos todos sexuais."

A questão da série de reportagens sobre travestis de "O Estado de São Paulo" gerou grandes discussões, com intervenções e testemunhos do plenário, inclusive de uma bicha que foi presa e acusada injustamente de ser um dos assassinos no crime a que se referem as reportagens. Falaram também um metalúrgico recém-chegado do exílio para pedir a união de todos os oprimidos no combate à ditadura, dois homossexuais do Movimento Negro Unificado, uma bicha de Campinas pedindo ajuda para os gays de sua cidade e muitas outras pessoas fazendo queixas e reclamações numa linguagem tão sincera e franca que os participantes do 1º EBHO começaram a achar que era ali, naquele momento, e não durante as discussões áridas e muitas vezes sem proveito, que o encontro estava se realizando. Com isso houve mesmo um desfecho feliz.

Alexandre (BEIJO LIVRE/BR) secretariou a mesa com a sua já conhecida eficência. Foi ele quem leu os vários documentos de apoio que chegavam, assim como a carta que os grupos homossexuais brasileiros vão enviar ao Papa e o documento elaborado pelo encontro endereçado aos médicos, psicólogos e cientistas sociais sobre a discriminação feita na Medicina e na ciência contra o homossexual. O presidente da mesa, como não citá-lo?, foi o corajoso Eduardo (SOMOS/RJ), que apesar de sua falta de prática conseguiu dominar perfeitamente e sem arroubos autoritários uma platéia de mil pessoas. Foi uma delícia ver Eduardo aplacando os ânimos e se aplacando a si mesmo com aquela sua gesticulação de medusa que parece lhe prover de duzentos braços.

Outro absolutamente citável é o nosso lampiônico Darcy Penteado que assistiu e participou de todo o encontro. Só nesta sessão aberta é que ele chegou atrasado, mas sem que por isso tenha dado por achado. Com a maior calma dirigiu-se ao palco e sentou-se à mesa já formada. Mas quem iria pôr em dúvida o direito de Darcy de sentar-se a uma mesa dirigindo um debate sobre as liberdades essenciais do homem e sobre homossexualismo? O seu é um **droit de naissance**, como se dizia antigamente.

E, para encerrar, uma informação que se pode chamar de mau agouro. Durante todo o tempo da reunião aberta no Ruth Escobar, o famoso Homem do Sapato Branco postou-se na porta com todo o seu equipamento de televisão, tentando entrar. Foi impedido eficazmente pela maravilhosa segurança do Iº EBHO, composta de meninos e meninas. Nós vencemos, esse personagem de mácatadura não conseguiu penetrar no teatro de jeito algum. Da porta, ao ouvir os aplausos e os gritos, deveria estar sem saber o que pensar, na sua brutal falta de imaginação, sobre quais seriam os motivos para tanto entusiasmo. Outro momento de angústia para mim, no meio da euforia que contagiava a todos, foi o surgimento repentino sobre a mesa do maldito sapato autoritário do dia anterior. Felizmente alguém teve a sensatez de retirá-lo da vista da platéia depois de algum tempo. (**Francisco Bittencourt**).

Encontros e brigas de vários graus

Sim, deu gosto a gente vir de várias partes do Brasil e da cidade para se juntar nesse I Encontro. Três dias resultantes de um esforço de anos, coroados por aquilo que Teca chamou de Ato Público, no Teatro Ruth Escobar, em pleno Domingo de Páscoa; cerca de mil pessoas lotavam as dependências do teatro. Era compreensível o nervosismo que se sentia no ar, sobretudo porque as televisões forçavam a entrada — e o abominável Homem do Sapato Branco ameaçava instalar dez câmeras diante do local, para entregar os participantes. Mas havia também lágrimas mal contidas e vozes embargadas de alegria, com toda razão. Definitivamente, estávamos pondo nossa cara fora das sombras, num acontecimento até então inédito na vida brasileira, porque éramos uma multidão. Bichas, lésbicas e travestis de todos os tipos chegaram das partes mais distantes para se manifestar publicamente como tal (o auditório estava cheio de gente da periferia de São Paulo).

NA MESA, NOSSA MISTURA MAIS FINA

A meu ver, houve pelo menos três instantes de total vibrações nesse Ato Público do domingo. O primeiro foi quando o travesti da Mesa, sem nenhum charme estudado, tomou a palavra e, querendo usar um termo mais fino, declarou que ali todo mundo era "homem-sexual do mesmo jeito". Esse "homem-sexual" soou como uma benfazeja dificuldade em digerir e veicular um conceito que nos discrimina por nos classificar exclusivamente por um aspecto de nossas vidas.

Esse travesti me lembrou um índio que tivesse mantido suas raízes em plena metrópole, porque tratava-se de um estigmatizado que, aprendendo a falar, não repetia a linguagem dos seus estigmatizadores; pelo contrário, modificava-a, e por isso tive inveja dele. Ri, deliciado, e pensei inaugurar termos como "mulher-sexual", "bicha-sexual", "lésbica-sexual", etc. Aquele travesti proleta devorava e criava em cima dos seus opressores. E espontaneamente protestava contra a **guetoização** inerente ao conceito de "homossexual", criado para marcar os limites entre normal e anormal.

Outro momento de vibração: depois de denunciada publicamente uma campanha que as polícias civil e militar do Estado de São Paulo (pela primeira vez unidas!) estavam colocando em prática contra os travestis, a platéia explodiu num grito uníssono e repetido de "ABAIXO A REPRESSÃO". Esse slogan tão conhecido em política estudantil adquiriu ali uma conotação de subversão à subversão, numa atitude de recuperação às avessas: estávamos assumindo de maneira específica a repressão generalizada que a maioria dos brasileiros sofre, em diferentes formas e graus.

Um terceiro momento de grande vibração ocorreu com problemas de linguagem, de quem começa a balbuciar. O seguinte: bichas e lésbicas não sabiam como se interpelar, a nível impessoal. Nas discussões dos dois primeiros dias, muitas pessoas se aventuraram a usar o termo "companheiro" e "companheira" — para arrepio meu, que cheguei a protestar contra a importação desse formalismo e sizudez da esquerda. Houve depois tentativas tímidas de se chamar de "colega", o que também não funcionou, porque o termo soava artificial e ginasiano. Até que a água derramou toda: num momento de tumulto no Ato Público, um membro da Mesa bateu o sapatão (sim, Kruschev, havia um irreverente sapatão) e pediu ao público que se garantisse a palavra da "colega" — no caso, a colega era uma bicha que teimava em discursar sobre a "luta mais ampla". Daí em diante, ninguém mais segurou a deliciosa esculhambação da linguagem; a última que ouvi, nesse sentido, foi uma bicha gritando para outra que tinha a palavra: "Fala mais alto, queridinha!" Sem dúvida, um arraso.

Aliás, a Mesa do último dia evidenciava um dos aspectos mais positivos de todo o Encontro; ou seja, a mistura fina que tínhamos conseguido fazer com bichas, lésbicas, negros, feministas e travestis ali juntos (o pessoal da Comissão Pró-Indio não pôde comparecer). Sem nenhuma falsa modéstia, isso resultava de um posicionamento inovador que os grupos homossexuais organizados vêm propondo com teimosia invejável. Sem dúvida somos hoje no Brasil os maiores entusiastas de um encontro entre os vários setores discriminados de nossa sociedade. Além de ratificar nosso desejo de autonomia, essa tem sido nossa contribuição mais original para uma prática política fora dos manuais. E isso tudo, em apenas dois anos de atividades, significa um enorme avanço. Basta lembrar que os americanos, em muitos anos de luta, poucas vezes conseguiram juntar forças tão díspares num objetivo comum.

VITÍMAS DA ABERTURA OU SÍNDROME DA UNE?

Mas se olharmos para além da euforia, o que realmente aconteceu no Teatro Ruth Escobar? Apenas uma modernização do sistema brasileiro, com nossa contribuição à Abertura? Ou um evento realmente inovador? A qualidade transformadora ou meramente modernizadora desse acontecimento depende um pouco do seu desdobramento futuro. Aqueles momentos podem ter sido históricos, mas são apenas uma apoteose que encerra a primeira etapa. A força do movimento homossexual no Brasil repousa em sua continuidade, ou seja, nas características da etapa seguinte que começa agora.

E aqui eu corro o risco de parecer paradoxal, porque penso que se trata da parte mais dura: O I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (I EGHO), realizado nos dois dias anteriores, caracterizou-se por um grau de disputa de poder realmente chocante, em se tratando de um movimento tão novo. Os grupos pareciam mais capelas fechadas. As divergências, necessárias e benfazejas, lamentavelmente ampliaram-se como numa caixa de ressonância, graças à maneira tradicional de conduzi-las visando ganhar posições, pontos. As diferenças (que eu acho geralmente menores, na medida que o movimento mal se estruturou) transformaram-se em furiosas disputas estudantis — com manobras, conchavos e xingos. Se não, vejamos: houve disputas e agressões entre cidades, entre regiões, entre grupos de uma mesma cidade, entre partidos políticos rivais que estavam ali representados. Cheguei a me perguntar se não estávamos num Congresso da UNE só para bichas e lésbicas. Em outros momentos, a gente parecia estar participando de um concurso de Discriminados, quando as capelas disputavam entre si o privilégio de quem seria mais discriminada que as outras.

Digo isso apenas para dar uma idéia de certos momentos críticos, onde a competição (o falo, entre homens e mulheres) explodiu escandalosamente num acontecimento que fora feito para propiciar conhecimento mútuo e solidariedade. E, cá entre nós, tratava-se de um Encontro bastante modesto, onde haveria um máximo de 200 participantes representando 9 grupos organizados no Rio, Brasília, São Paulo e Sorocaba, com representantes isolados de Goiânia, Belo Horizonte, Vitória e Curitiba. Imaginem, nesse clima, o que não acontecerá no próximo ano, com maior número de grupos e pessoas?

Aliás, uma das características mais marcantes desse I EGHO foi a capacidade de seus participantes disputarem a manipulação de conceitos, para com isso ganhar posições. Coisa típica da esquerda, da qual somos filhos bastardos, mas filhos. Certas palavras eram disputadas por todos, como um cetro; e "DEMOCRACIA" era, evidentemente, a de maior Ibope, inclusive por

estar mais na moda. Outros termos que funcionavam como varinhas de condão, ou palavras-mágicas: discriminação, machismo, autoritarismo, minoria, reacionário, fascista etc. Bastava utilizá-los para garantir-se contra eles: acusando o autoritarismo dos outros, o acusador se colocava automaticamente fora de acusação. O que se seguia, logicamente, era a repetição da dicotomia BANDIDO X MOCINHO, que nossas cabeças reproduzem em qualquer reunião política deste país.

Esses conceitos abriam espaço para quem os utilizasse (o mocinho) e fechava espaço para quem recebia a acusação (o bandido). Assim, num grupo de discussão, o coordenador foi taxado de anti-democrático e imediatamente substituído por quem lhe tinha feito a crítica! E numa votação de plenário, a acusação de fascista era berrada de todos os lados, desta vez brandida como um tacape, indiscriminadamente.

De repente, eu me perguntei onde estava o decantado potencial subversivo dos homossexuais. E me dei conta que a própria definição de subversivos que nos dávamos indiscriminadamente significava a deflagração de um conformismo básico: se sou subversivo, estou isento das críticas, exatamente por exercer a crítica. E percebi que, como tantas outras, a definição de "subversivo" (num sentido elogioso) quase sempre funcionava como maneira de manipular e dominar através da apropriação das definições.

Nesse I EGHO, por exemplo, o medo de não ser democrático era tão compulsivo que existiam votações para tudo, inclusive quando não havia necessidade de deliberar. A partir de um momento determinado, eu próprio deixei de votar, já que quase não havia propostas mas vagos relatórios em votação. Que sentido tem, por exemplo, votar se vamos ou não "lutar contra a repressão exercida sobre os homossexuais"? Num encontro de grupos de liberação homossexual, tal vocação tornava-se no mínimo surrealista.

POR UNANIMIDADE: AUTONOMIA (APENAS APARENTE)

Apesar de tantas votações, paradoxalmente houve pouquíssimas propostas concretas tiradas do I EGHO. Uma delas foi a importante decisão de reafirmar e garantir a autonomia política do movimento homossexual brasileiro. Mas qualquer participante sabe que essa foi mais uma conclusão a nível teórico, desmentida na prática pela presença, já na Comissão Organizadora, de um grupo homossexual formalizado que se definia como Fração Guei da Convergência Socialista — em outras palavras, um Departamento Homossexual dessa agremiação política. Acho esse um precedente lamentável, porque abre caminho para que qualquer partido político invada o movimento homossexual para disputá-lo enquanto potencial eleitoreiro, através dos conchavos e manobrismos que aliás já ocorreram nesse I EGHO.

A meu ver, seria preferível que as bichas e lésbicas da Convergência e de outras agremiações político-partidárias entrassem para os grupos homossexuais já organizados e, a partir dessa práxis, se instrumentalizassem para deflagar discussões politicamente originais junto a seus companheiros partidários. Pois a perspectiva que se tem é justamente contrária: essas bichas e lésbicas irão deflagar a discussão dos seus partidos dentro do movimento homossexual e tentar, uns contra os outros, colher dividendos políticos entre os indecisos, inclusive disputando-os para seus quadros. Acredito que, para esses grupos partidários, a única e máxima função do movimento homossexual é tratar da questão homossexual e acabar com a repressão nesse nível. Depois, na lógica deles, os homossexuais devem continuar participando das lutas políticas maiores, logicamente dentro dos partidos organizados e das cartilhas mais abrangentes. Fica implícito então que os movimentos homosssexuais, feministas, negro, ecológico etc. teriam fôlego curto; seriam lutas meramente circunstanciais e fracionadas que não modificam o fundamental das estruturas sociais, na medida que essas transformações só serão viáveis através dos partidos aparelhados com programa e mobilização de massa, visando a tomada do poder.

Por isso, sempre segundo a lógica deles, é melhor abocanhar os grupos homossexuais desde já, tornando-os departamentos estanques que seriam orquestrados, em seu conjunto, pela direção partidária. Isso, aliás, a Convergência Socialista já postulava há dois anos atrás, no início de sua formação. Em conclusão, parece-me que o Movimento Homossexual corre o risco de se tornar uma mera extensão da luta partidária e um apetitoso bife disputado por vários garfos intrometidos. Exatamente como vem ocorrendo com o Movimento das Mulheres. Confesso que fui ingênuo ao pensar que tivéssemos tirado algumas lições desse doloroso exemplo que foi o II Congresso da Mulher Paulista (ver LAMPIÃO 23).

E AGORA, MARIA-JOSÉ?

Pela mostra desse Encontro, acho que reproduzimos sobejamente os padrões políticos tradicionais. Então me pergunto se não estamos desperdiçando energia ao tentar imitar e multiplicar partidos políticos já existentes... Numa conclusão para mim absurda, seria então melhor entrar diretamente para eles! Mas de tudo isso, pode-se dizer que o I EGHO foi fértil pelo fato de nos mostrar o que não somos e o que nos falta. Seria desejável que no próximo ano começássemos pelo começo: **discutindo aquilo que temos de original**; pois se não sabemos em quê somos originais, nosso primeiro gesto deverá ser necessariamente o de nos conhecermos por dentro; ou seja, é urgente que **descubramos as nossas especificidades** enquanto Movimento. Para com elas encontrar (criar) formas novas de fazer política, formas nossas.

Sim, é fundamental mobilizar "as bases", como no Ato Público do Ruth Escobar. A mobilização de fato ocorreu e foi gratificante. Mas para além disso, nos defrontamos com uma questão ligada à nossa própria sobrevivência enquanto movimento: ou mudamos a forma de atuação política baseada na competição partidário/doutrinária ou, no mínimo, teremos vários rachas no II Encontro, em 1981, e talvez até pancadaria. Ou seja, este movimento que ainda engatinha tenderá a se diluir em meio à disputa de um poder que ele não tem e, certamente, renega.

Depois de inaugurar o novo, é preciso dar continuidade ao novo. Acho. Penso. Tenho a impressão. Aquele Ato Público e sua Mesa Virada ao avesso certamente indicam um caminho. Quien sabe? (**João Silvério Trevisan**).

Mulheres compram as brigas

Desta vez os leitores que lavem o rosto, estiquem as pernas, sacudam a preguiça, porque vou falar — muito — do 1º EBHO, Encontro Brasileiro de Homossexuais. E como não tenho a mínima intenção de poupar detalhes, quem não for apressado e tiver tempo, que me siga!

Sete grupos participaram do EGHO — Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (1ª parte): AUÊ/RIO, BEIJO LIVRE/BRASÍLIA, EROS/SP, LIBERTOS/GUARULHOS, SOMOS/RIO, SOMOS/SP, SOMOS/SOROCABA. Ao fundo do cenário, duas faixas: a do **Lampião**, pregada pelo Chico, e a do Auê, por Rô e Maga. Do Conselho Editorial do Lampa, além de Francisco Bittencourt, estavam Trevisan, Peter Fry e Darcy Penteado, todos charmosíssimos, devastando corações.

Na sexta e no sábado, o encontro se realizou na CAOC — Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina —; funcionando assim: dia 4, quatro grupos, em salas separadas, discutiram os quatro primeiros itens do temário: 1) A questão lésbica. O machismo entre homossexuais e papéis sexuais. 2) Michês. O Travesti e a repressão que recebe. 3) Homossexualismo no presídio. 4) A questão da solidão, da velhice e da competição. No dia 5 houve plenário pela manhã, e, à tarde, estendendo-se pela noite, três turmas debateram os outros oito itens restantes. No dia 6, pela manhã, plenário; parte aberta, ambos no Teatro Ruth Escobar.

A QUESTÃO LÉSBICA

"A questão lésbica, o machismo entre homossexuais e papéis sexuais" foi o item abordado pelo 2º grupo no dia 4. Eis o documento extraído das discussões:

"O grupo, através de votação, optou pela não-divisão em sub-grupos, o que acarretou a presença de mais de setenta pessoas, aproximadamente 36 homens e 35 mulheres, discutindo, primeiro por inscrição, e depois por debate livre, as proposições do temário.

"A questão incial foi colocada por um homossexual, no sentido de se identificar expressões machistas no cotidiano dos grupos homossexuais, tais como a designação do termo "bicha" como expressão que englobasse genericamente homens e mulheres. Ficou implícito que o machismo não é propriedade masculina, mas sim uma instituição autoritária utilizada como relação de poder, não só, mas principalmente pelos homens. Os termos "lésbica" e "bicha" devem ser esvaziados por expressar discriminações da sociedade heterossexual contra os homossexuais. Já a palavra "machismo" não, pois designa a opressão, contra a qual lutamos.

"Em seguida, passou-se a debater a questão lésbica propriamente dita, ficando claro que o lesbianismo não se descarta do movimento homossexual, mas tem especificidades que justificam os grupos exclusivos de mulheres, levando-se em conta a importância da discussão das sexualidades específicas. Então, num primeiro momento, a união é necessária como fator de agrupação, afirmação e organização, mas depois, também, é preciso que haja grupos separados, sem que isso signifique a perda do caráter coletivo da luta, já que o elo comum é o combate contra a opressão discriminatória.

"Por isso, a questão lésbica não se esgota no movimento homossexual, mas evidencia a necessidade de discussões paralelas, como forma de combate mais efetivo, na luta contra a dupla discriminação, ou seja, enquanto mulher e enquanto homossexual.

"O terceiro pólo foi a problemática dos papéis sexuais: Este debate se subdividiu em duas partes, tais como: a discussão sobre a reprodução dos papéis sexuais entre os homossexuais e a necessidade da busca de uma identidade homossexual. Em relação à reprodução de papéis, concordou-se em que ela se dá tanto entre mulheres como entre homens homossexuais, e que deve ser combatida com a busca de uma identidade homossexual, opondo-se à relação do poder.

"Durante toda a discussão, foi ressaltada a necessidade de trocas de informações entre os grupos, para que a partir desses dados se encontrem os motivos da diferença numérica da mulher nos grupos homossexuais. Cada grupo forneceu o número de participantes: AUÊ/RJ: 35 homens e 5 mulheres; SOMOS/RJ: 60 homens e 8 mulheres; SOMOS/SP: 80 homens e o único a ter um grupo exclusivámente de mulheres (AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA), com 20 componentes; EROS: 5 mulheres e 11 homens, CONVERGÊNCIA SOCIALISTA/SP (FRAÇÃO GAY): 7 homens e 3 mulheres; BEIJO LIVRE /Brasília, sem nenhuma mulher.

Finalizando as conclusões dos trabalhos, entendeu-se que a solução não é o gueto nem a clandestinidade, mas a organização, através da criação de um movimento transformador e libertário.

(Esse relatório foi feito pelos grupos: AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA, FRAÇÃO GAY DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA E SOMOS — os três de SP — e AUÊ, do Rio)."

No dia 5, foi discutido o outro item relativo à mulheres: "A aglutinação de mulheres em facção dentro dos grupos e a mulher dentro dos movimentos homossexuais." Eis a opinião dos grupos 2 e 3: **GRUPO 2** — "Houve dois blocos de opinião. Um acredita necessária a facção, pois há problemas específicos (negros, mulheres e travestis), outro acredita que separar é distanciar os homossexuais de uma luta comum e que o homem não poderá descobrir em si o machismo, cabendo à mulher denunciar. Mas isso não impede que elas se reúnam para discutir os assuntos específicos".

GRUPO 3 — "a) Nos colocamos a favor da aglutinação de mulheres em grupos exclusivamente femininos para discussão de seus problemas específicos; b) Achamos inadequado o termo facção para designar um grupo específico de lésbicas, pois implica numa disputa de poder que contraria os objetivos do próprio movimento; c) Devemos estar sempre atentos às atitudes paternalistas dos homens homossexuais em relação às questões lésbicas".

AS MULHERES

Houve grande número de mulheres desde o primeiro dia do Encontro, que, ironicamente, começou com a presença de vinte e quatro, e com o decorrer dos minutos foi crescendo, até triplicar-se no último dia. Desde o saguão, a atuação das mulheres se fez notória, através da banquinha de livros, onde elas vendiam cartazes (para ajudar as feministas, os metalúrgicos) jornais Lampião e livros do Darcy, do Trevisan, das "Mulheres da Vida".

Ainda na entrada, o mural informativo para que os participantes escrevessem suas mensagens estava repleto de manifestações femininas. Como a sigla da 1ª parte do encontro era EGHO, num jogo de duplo sentido, o mural se divida em: EGHO, SUPER-EGHO, e IHD. Notem que a primeira frase foi escrita por um homem: "Lesbianismo é um estado de espírito. Viva! Viva! Viva! Agora posso me candidatar". "Conceição, heim..." "Cuidado, Leila está agindo". "Grupo Augê admite novas víboras". "Cuidado! Agentes do Butatã infiltradas"...

Através das informações passadas pelo mural, tiramos três importantíssimas conclusões: que o grupo 2, no 1º dia, foi o mais falado, através da "Seção Infâmia"; que SP continuava "quente", apesar da chuva; e que a idéia do Emanuel do Somos/SP de fazer o EGHO, o SUPER-EGHO e (principalmente) o IHD foi unanimemente aprovada. Agora: saiba quem não sabia, que o mural foi retirado no dia 5, e já é documento-histórico do SOMOS/SP. E as declarações de amor assinadas, heim, heim?...

Dois últimos registros ainda sobre a parte fechada: o único travesti — Marisinha (Auê) — que conversou muito com Darcy sobre problems profissionais, e a única heterossexual, Somos/RJ. Ao haver menção deste fato pelo grupo 2 no plenário do dia 6, a mesa entendeu que não podia lhe ser negada a participação, já que, como membro do grupo tinha direito a vir com ele, mas que

deveria ter sido previamente comunicada a pesquisa que ela estava fazendo dentro do Encontro para a sua tese.

RECADO DO GRUPO LÉSBICO-FEMINISTA

A turma me pediu para passar adiante a seguinte informação: **"PRIMEIRO LIVRO DE POESIAS LÉSBICAS - HOMENAGEM A SAFO**: Participe enviando os seus poemas, com nome e endereço, em 3 vias, até dia 10 de junho. Grupo Lésbico-Feminista (SOMOS) — Caixa Postal, 22196 — 01000-SP".

Ainda distribuído pelo Grupo, recebemos um precioso material, com o histórico e atividades — passadas e atuais —, indicações de como começar um grupo feminista, questionamentos sobre alguns temas polêmicos, proposta e temário a ser discutido em grupos de identificação, manifesto sobre mulheres violentadas, farta documentação sobre o II Congresso da Mulher paulista, e uma bibliografia feminista.

Dizem elas no intróito:

"Experiências vivenciadas, questões levantadas e trabalhos concluídos resultaram num saldo positivo de informações sobre o universo Feminino-Lésbico.

"Ao invés de retermos esses dados, estamos divulgando-os através de documentos, com o objetivo de ampliarmos nossos limites, abrindo nosso espaço de atuação.

"Colocando-nos em disponibilidade para trabalharmos com todas as mulheres organizadas em Grupos Homossexuais ou interessadas na questão; buscamos unificar, visando posteriormente à massificação de nosso movimento, bem como solidarizarmo-nos com os demais contingentes oprimidos e discriminados de nossa sociedade.

"Hoje, quando assinamos um manifesto em defesa do Movimento das Prostitutas, uma moção de repúdio contra entidades que impediram o bom andamento do II° Congresso da Mulher Paulista, ou quando convocamos todas as lésbicas a enviarem suas poesias e ilustrações para fazerem parte de um livro, único do gênero a ser editado no país, estamos sendo coerentes com os nossos ideais e conscientes de nossa luta.

"Aglutinando as mulheres homossexuais, buscando-as do gueto à clandestinidade, queremos fortalecidas dizer, em alto e bom tom: **BASTA** à repressão, enquanto mulher e enquanto lésbica. **JUNTAS** poderemos exigir respeito à pessoa da mulher lésbica brasileira".

NA BOATE

As festividades extra-Encontro, por parte das mulheres, estavam programadas para duas noites: sexta e sábado. Na sexta, a comemoração foi na boate Mistura Fina (ex-Dinossauros), na Major Sertório. Pra começo de conversa, o lugar é um dos mais agradáveis que já conheci. As mesas são baixinhas, os pequenos divãs comportam dois casais, que sob luzes amarelas, verdes, vermelhas, estroboscópicas, namoram muitíssimo à vontade. O discotecário fica num módulo suspenso no centro do salão e a música não é tocada tão alta a ponto de não se poder trocar informações. A casa foi praticamente fechada para os participantes do I° EGHO e o pessoal da organização do Encontro anunciou um **show** em homenagem a todos.

No salão, a discoteca era animada, mas nos bastidores as conversas estavam mais ainda. Enquanto os "artistas" se preparavam para seus números, se maquiando e se penteando, fofocava-se com extremo bom-humor. Por exemplo: como cada pessoa do plenário tinha de se inscrever para falar, ouvi a seguinte frase: "quero saber é quando vão abrir as inscrições para a suruba...'. Também escutei este diálogo: "— Você já viu que o Jorge Ben tem uma música xingando a mulher de sapatão? — Esses artistas estão mesmo enlouquecidos, imagina que até no **show** da minha musa, a Betânia, o apresentador ameaçava o público com a presença de "galos", (o pessoal da segurança), dispostos a porem pra fora qualquer tipo de bicho que incomodasse"...

Muito manuseado — e devidamente apreciado — foi o material que Têka trouxe de San Francisco: dois discos com canções e textos "The lesbian antology", botões de lapela alusivos, e cartões deliciosos impressos pela Women Press Project (Cêça me deu um desenho a bico de pena de uma mulher, com cara espantadíssima de gozo, os cabelos arrepiados, uma graça).

As 23h45min, Marcelo (Somos/SP), elegantemente vestido com seu robe vermelho e meias listradas azuis e brancas, além daquele sotaque baiano gostosíssimo, deu início ao **show** que, segundo ele, provava que homossexual militante também era bonito e gostoso. Sobre a ocasião, citou uma frase do Caetano: "é incrível a força que as coisas têm quando precisam acontecer".

Houve números de mímicas do Cláudio (imitando Elba Ramalho) e da Alice (imitando Simone). Quando ela despiu seu coletinho, teve gente na platéia que gritou: "joga, joga pras fãs", mas ela jogou não. Vitório imitou, de modo muito sensual, o Ney Matogrosso em "Meu Tipo" e o Evaristo foi o mágico, fazendo exibição com cartola, pombas, lenços e conseguindo até apagar a luz, mágica que foi "consertada" minutos depois.

A segunda parte foi quase toda ocupada pelas "meninas", não as do romance da Lygia, mas as componentes do grupo lésbico-feminista. A Teresa cantou música de sua autoria, falando em liberdade, felicidade e amor.

Depois, Têka chegou ao palco e sua presença despertou ciúmes de uma namorada na platéia, incomodada pelo "gostosa" proferido por sua acompanhante. Têka cantou uma composição sua, acompanhada do grupo (Déa ao violão, além das vozes de: Alice, Miriam, Cristina, Silvana, Marisinha, Ângela, Marilisi). Olhem só um trecho da letra: "Se é o pai, cospe no chão;/se é a mãe passa o esfregão./ Se é o pai, chama de ladrão;/se é a mãe morre de paixão./Filha não case não, filha não case não,/olha a lua;/filha não case não,/filha não case não,/olha a lua...

Déa também se apresentou com duas composições suas, dizendo, numa delas: "serei sempre uma mulher sem receita pessoal." Seguindo-se o Dailton e a Marisene Costa, contratada da Mistura Fina. O final apoteótico foi a presença das "Frenéticas", rapazes vestidos de melindrosas que, ao saírem do palco para a pista de dança, inauguraram a maior pulação de todos os tempos.

Deu de tudo neste carnaval, de TUDO, gente! Conheci a Eddy, de MG (um beijão procê), vi gente chorando mágoas por estar desacompanhada no momento (se eu contar quem foi me chamam de novo de venenosa), Margareth num frevo rasgadíssimo (só não tinha sombrinha). Não faltou nem o **bottomless** (serei um túmulo, não digo, não digo, não digo quem foi o cara famosíssimo que começou, pois prezo demais a minha vida...) nem o **topless**, que depois de inaugurado, gerou uma imensa proliferação de bustos — de todos os tamanhos e para todos os gostos.

Incidentes quase desagradáveis: com Têka é com o **show** contratado pela boate; mas tudo acabou bem, "numa boa", como dizem os carinhas. Aliás, não foi bem assim, falarei a verdade: dia seguinte muita gente me ligou fazendo o balanço sentimental do EGHO, com o coração sangrando e a cuca fundida por avassaladoras paixões. O jeito, pessoal, é tentar desconto especial na ponte aérea, já que é pra tanta gente...

Encerrei minha noite jantando, em muito boa companhia, no Bexiga, às quatro da matina (em SP, pasmem, os bares funcionam toda a madrugada).

No sábado, houve uma festa a fantasia na casa de Wilminha (sempre de filmadora em punho registrando os lances mais importantes). Mas a gente saiu tão tarde do encontro, que metade das meninas se dispersou. De qualquer modo, dei uma passada lá, e à uma e meia da manhã havia bastante convidados, embora poucas roupas carnavalescas. Tem nada não: da próxima vez preparo minha fantasia de Aurora Boreal (ou Auê Boreal?) que vou encomendar desde já para o Bornay...

PARTE ABERTA DO 1° EBHO

Indescritível. Fico arrepiada até agora só de relembrar aqueles momentos. Ruth Escobar repletíssimo, com gente em pé no primeiro andar e sentada no chão no segundo. Todos os tipos de denúnccia — dos negros, das feministas, da Convergência — foram postos a nu, com incríveis depoimentos, inclusive de travestis.

Ressaltam-se duas mulheres: Têka, como sempre, com seu brilhantismo e clareza verbais, abordando a situação das mulheres homossexuais, e Drª Alice Soares, representante do Dept° Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, com uma fala bastante expressiva sobre atos arbitrários praticados nas delegacias contra homossexuais.

CONSENSOS:

1. Realização em cada grupo de uma comissão que estude os prós e os contras da legalização jurídica dos grupos organizados.
2. Dinamização das relações intergrupais em dois níveis: entre Estados, através de cartas;e, regionalmente, não só através de reuniões a serem posteriormente combinadas, como também através de jornais e boletins, a exemplo do que ocorre no Somos de São Paulo.
3. Entrar em contato com médicos, psicólogos, psiquiatras e interessados, dentro dos grupos e fora deles, para confeccionar trabalhos sobre homossexualismo, a fim de criar discussão dentro do Congresso Anual do SBPC.
4. Criação, em cada grupo, de uma comissão encarregada de estudar medidas para viabilizar: 1) a alteração da Constituição Brasileira no que diz respeito à opção sexual, incluindo esse termo nos direitos individuais do cidadão; 2) alteração no Código Internacional de Doenças — OMS — 302.0, código esse seguido pelo INPS, que inclui o homossexualismo como desvio mental.
5. Criação de uma comissão de médicos e advogados para pressionar a OMS, a Pan América e a OAB, no sentido de viabilizar, na prática, as alterações propostas no Código Internacional de Doenças e na Constituição Brasileira.
6. Elaboração de uma carta, a ser lida na parte aberta do Encontro, destinada à Associação de Psiquiatria e de Psicologia do Brasil, denunciando o tratamento dado aos homossexuais.
7. Denunciar junto ao Conselho de Psicologia a discriminação feita durante o recrutamento e seleção de candidatos a empregos.
8. Apuração, até as últimas conseqüências, de todos os fatos discriminatórios e arbitrários contra homossexuais, quando levados à delegacia, com o respado dos grupos organizados.
9. O movimento deve ser aberto à participação de todos os homossexuais, independente de quaisquer discriminações.
10. Preservação de nossa autonomia, enquanto movimento, sem afastar a possibilidade de uma participação individual de homossexuais em outras lutas.

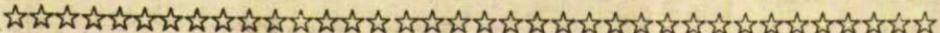
O QUE É BOM DURA POUCO???

Para quem como eu participou desde as festividades até os cansativos trabalhos da mesa coordenadora (como relatora), a confraternização final dos beijos e abraços foi um ato de recompensa por todo o esforço — coletivo — que fez com que o 1° EBHO tivesse saldo altamente positivo.

ACONTECEU, gente, foi emocionante, belíssimo, mas não acabou, nem podemos parar aí. Há muito o que se fazer em cima das conclusões tiradas no Congresso e da proposta do Zé Maria (Auê) no sentido de que cada grupo começasse a fazer um levantamento da memória "gay", para que entrevistas, registros, recortes, depoimentos dos homossexuais brasileiros (inclusive travestis) não se percam no tempo e no espaço.

Nós contamos com todos vocês que não foram, e que devem estar babando de inveja, a esta altura do campeonato. A luta é comum a todos, e o movimento precisa de pessoas que criem grupos organizados em cada Estado, e se façam representar no 2° EBHO, marcado para a Semana Santa de 1981, no Rio. Juntem-se no trabalho de combater a opressão e a discriminação (Quanto mais membros melhor, como diria Mambaba). Afinal, depende da gente o prazer nosso de cada dia. (Leila Míccolis)

E tudo foi uma festa móvel

☆☆

Desde as primeiras horas da manhã de quinta-feira, dia 3 de abril a "Paulicéia desvairada" começou a ser invadida por um bando de bichas e lésbicas vindas de outras cidades e estados. Uma verdadeira **tomada de Tróia**, só que sem cavalo. Reinaldo (**SOMOS/SP**), responsável pela recepção dos participantes do Encontro, não parou um só minuto. Mal chegava alguém e ele logo corria à Rodoviária e transava as hospedagens, com aquele charme todo seu. Diga-se de passagem que, além de ter sido muito bem recebido por ele, pude contar com uma atenção toda especial!!! O contingente maior chegou na sexta-feira pela manhã. Apesar do número considerável de pessoas que chegaram para o Encontro, a coordenação e a recepção não tiveram nenhum problema em acomodá-las, e mais uma vez as bichas paulistas mostraram que, ao contrário do que se divulga, são muito hospitaleiras.

Na noite de quinta pra sexta, o pessoal recém chegado aproveitou para dar uma esticada pela cidade, junto com seus anfitriões, e sacar o clima das pessoas em véspera de Encontro. Por sinal, todos se encontravam muito excitados e em grande número nervosos, pois as espectativas com relação ao Encontro — algo totalmente novo para os homossexuais organizados e de tamanha repercussão — eram muito temerosas. A emoção e entusiasmo que pairaram sobre as pessoas durante todos os trabalhos já podiam ser sentidos desde a véspera, quando mesmo na cama, entre um carinho e outro, as indagações sobre o Encontro eram colocadas.

Na manhã de sexta-feira, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC), da Faculdade de Medicina da USP, a euforia tomava conta dos que exaustivamente trabalhavam para que tudo ficasse pronto às 14h, quando estava previsto o início do **I° EGHO**. A **Segurança**, um dos grupos que mais trabalharam, não se cansava de tanto credenciar, identificar e revistar cerca de 250 integrantes de grupos homossexuais. Cláudio (**Libertos**), assim que os jornalistas do **Lampião** chegaram, recebeu-os divinamente, providenciou seus crachás de **Imprensa**, e os pôs a par de tudo o que estava previsto para o Encontro. O **Jornal Gay**, também esteve presente para fazer a cobertura dos trabalhos.

PRIMEIROS AMORES

Por volta das 14h30m, as pessoas começaram a dirigir-se para o local da plenária inicial, e já eram visíveis os primeiros contatos amorosos entre os integrantes dos grupos. Beijos, abraços e sarros nos cantões integravam-se naturalmente ao cenário do COAC. Odilon, de Brasília, fazia circular entre os presentes e n° 23 do **Lampião** que, como sempre, despertou muito interesse e provocou várias discussões. Dá-se início à plenária de abertura do Encontro. A Comissão encarregada de organizar os trabalhos é apresentada; a cada nome citado o plenário se manifestava com intensas ovações, e os apresentados não faziam por menos: deixavam cair as plumas e os paetês.

Após a discussão da primeira bateria de temas, foi dado um intervalo de 15 minutos para que a moçada pudesse esfriar um pouco a cuca, visto que em todos os grupos as discussões absorveram muito as pessoas, levando-as a um can-

saço além do natural. Aquele que, além de discutir nos grupos, aproveitou para dar algumas paqueradas, pôde concretizá-las durante o intervalo, pois o número de casais que trocavam vivências pelas redondezas, era superior ao do início da tarde. João Carneiro (**SOMOS/RJ**), não perdeu tempo, mais do que depressa o lusitano agarrou o Carlos (**SOMOS/RJ**) e tratou de ficar junto dele, durante todo o Encontro.

Nessa altura do campeonato os boatos de que haveria uma suruba entre os rapazes tomou conta do COAC, e várias pessoas tentavam ouriçadamente descobrir onde se daria o grandioso evento. Mas infelizmente tudo não passou de um mero boato. Fui algumas vezes no banheiro, para ver como estava a movimentação durante o intervalo, e pude constatar que só as moscas habitavam tal recinto; decepcionado, voltei às dicussões, tentando lembrar-me das orgias do Menezes Côrtes (Ed. Garagem/RJ). Por que será que os mais ousados resolveram dar uma de comportadinhos, justamente num Encontro, onde pelo menos em tese se era favorável a todo tipo de liberação e prazer?

Ao terminar a segunda parte do temário, todos trataram de ir embora e se "empetecar" para ir à tão esperada festa que aconteceria na Boite **Mistura Fina**. Não faltaram golas altas e os longos maravilhosos, além de muito charme.

Por volta das 23h30m, a boite estava lotada e o ambiente animadíssimo e muito descontraido. A integração entre os grupos era total. Cheguei a pensar que me encontrava em uma das corriqueiras festas do SOMOS/RJ, devido ao nível de relacionamento entre as pessoas. A integração entre o Centro-Oeste e o Sul foi iniciada por **Zezé**, a **bicha-lésbica** do SOMOS/SP, que imediatamente tratou de flertar com Daniel, de Goiânia, que está tentando formar um grupo por lá. O babado deu pano pra manga, e pelo que se sabe a lua de mel durou durante os três dias de Encontro.

Outro grande intercâmbio, foi o do SOMOS/RJ com o SOMOS/SP, que pelo visto gerou muita dor de cotovelo após o Encontro. John, o leãozinho do SOMOS/RJ, foi freqüentemente surpreendido aos beijos e abraços com Cacá (**SOMOS/SP**). Helinho (**SOMOS/RJ**) entregou-se de corpo e alma a Anilson (**SOMOS/SP**). Os contatos entre os SOMOS, também se deram a nível internacional. O americano Jimmy (**SOMOS/SP**) foi visto várias vezes em conchavos lidibinosos com o argentino Jorge (**SOMQS/RJ**), e parece que os resultados foram ótimos.

Soube por fonte seguríssima, que três pessoas do **Eros** em determinado momento abandonaram a boite e foram fazer um **ménage a trois**. Egoístas, nem convidaram os demais para participarem da atividade; tava assim de gente querendo fazer uma suruba.

Para surpresa de grande parte dos presentes, algumas pessoas do SOMOS/SP e do Libertos programaram um **show** que foi o maior sucesso. Os camarins, antes do espetáculo, estavam uma verdadeira loucura. As bichas corriam de um lado para o outro arrumando-se. Muitos fariam pela primeira vez na vida um trabalho deste tipo. Cláudio (**Libertos**), muito nervoso, retocava constantemente sua maquiagem. Evaristo (SOMOS/SP(, não parava de gritar: "Que bom, a Imprensa está aí, vou sair no **Lampião**", e aproveitava para tirar uma casquinha com este reporter.

BICHA CRIATIVA

Marcelo (**SOMOS/SP**), apresentador do **show**, ao aparecer por entre as cortina, não reparou que o palco não continuava a sua frente, e levou o maior tombo; mas como toda bicha criativa, não perdeu a classe e iniciou a apresentação do espetáculo. Desandou a falar sobre travestis, repressão, depilação, Encontro, e só parou quando o pessoal por detrás da cortina começou a cutucá-lo, pois estavam ansiosos para entrarem em cena. A platéia mostrava-se interessadíssima, e a grande maioria, sentada nas escadas laterais do salão, acotovelava-se silenciosamente à espera dos acontecimentos.

A primeira a se apresentar foi **Elba Ramalho** (Claúdio) que cantou e interpretou como nunca "Bodogondó". A platéia delirava e aplaudia insistentemente. Em seguida surge em cena Simone (Alice — **SOMOS/SP**) que, de forma muito sensual, despertou o interesse de todas as lésbicas presentes. O ponto máximo do espetáculo, foi quando Ney Matogrosso (Vitório-SOMOS/SP), de tanga, começou a interpretar "Seu Tipo". Confesso que senti água na boca ao ver aquele corpo sedutor aquelas curvas sensualíssimas. (Ah!).

Para amenizar, Evaristo, que foi o coordenador do espetáculo, apresentou um número de

mágicas que costuma fazer em festa de aniversários infantis. Todos ficaram deslumbrados ao verem a bicha fazer aparecer e desaparecer lenços, pombas e o diabo.

Na segunda parte do **show**, Dailton (**SOMOS/SP**) apresentou algumas composições suas. Diga-se de passagem que este rapaz é uma gostosura. As mulheres da Facção Lésbico-Feminista também se apresentaram e cantaram junto com Mariceni Costa, também integrante do Grupo. Mas o que mais agradou o público foi o final com a apresentação das Frenéticas, que cantaram "Manga Madura". Ao serem anunciadas, apareceram sete donzelas no palco: Vitório, Marcelo, Ulisses, Marco, Cláudio, Dimitri (**SOMOS/RJ**) e eu, e a festa começa a partir do momento em que elas descem do palco e se misturam com a platéia, que a essa altura já cantava e dançava com elas. O discotecário logo em seguida inicia uma rodada de samba e a festa continua numa euforia crescente. O espetáculo foi um desfile de talentos, uma prova de que as bichas e as lésbicas militantes também sabem unir o útil ao agradável.

A certa altura do carnaval, me deparei com Chico Bittencourt segurando a calça e a camisa do Trevisan, e só então me dei conta de que este havia ficado de cueca em pleno salão. A moda pegou e não tardaram as adesões ao "**Baile da Cueca**". Todos liberados e se curtindo sem maiores grilos. Em determinado momento. Trevisan resolve adotar o **botton-less** e foi uma loucura só. Não ficando atrás, as mulheres aderem ao **top-less** e a nudez paira sobre o salão. Correu o boato de que um integrante do SOMOS/SP havia tentado arrancar a blusa da Teca (Facção Lésbico-Feminista), mas o acusado jura de pés juntos que jamais teve tal recaida.

Mas nem tudo correu tão bem quanto parece. A começar pela repressão desencadeada pelos garçons, que desde o início da noite faziam questão de afirmar que não eram bichas. Vitor (SOMOS/RJ) ao dirigir-se a um dos garçons que atendiam no bar, tocou sua mão ao pedir uma vodka. O garçon bruscamente retirou sua mão do contato com a de Vitor e disse. "Não toque em mim, pois eu não sou gay". Outro incidente parecido aconteceu com Bittencourt, que sem querer esbarrou no discotecário, que passava por detrás dele, e repentinamente foi agredido com a seguinte pergunta: "O que é que foi porra?...".

Além disso, os garçons da pista, ao cruzarem com algum carinha de cueca ou com alguma menina de **top-less**, agressivamente diziam: "Coloca a roupa viado!!!" As bichas e as lésbicas ficaram indignadas com tais acontecimentos, pois já estão de saco cheio de serem maltratadas em lugares entendidos, onde ironicamente a grande maioria do que têm contato direto com o público são heterossexuais extremamente repressores. Não bastando a repressão do dia a dia, nem sequer nos guetos se pode ter um comportamento liberto e sem falsos pudores, pois logo vem um garçon para dizer que somos viados e que devemos nos comportar direitinho. Ora pombas!!!

O que mais indignou grande parte do pessoal presente foi um quadro apresentado pela artista transexual Phedra de Córdoba, que fazia parte do **show** que gentilmente as donas da boite ofereceram aos participantes do Encontro. Acontece que o quadro em questão ufanizava os famigerados papéis do macho e da fêmea, tão difundidos por esta sociedade machista. Foi uma **puta agressão** à consciência dos homossexuais militantes, ali presentes, pois todos oprimidos e classificados de doentes mentais e sociais justamente por rejeitar tais papéis e comportamentos, que tanto esta sociedade tenta nos imputar. A partir daí foi criado o maior rebuliço. Alguém da platéia começou a gritar e se posicionar contra o quadro, chamando-o de reacionário e machista, sendo agredido verbalmente por Phedra de Córdoba, que ficou irritadíssima, uma série de fatos desagradáveis aconteceram, e houve um brusco esvaziamento da boite.

CORREIO ELEGANTE

A abertura do 2º dia, marcada para às 9h, como era de se esperar só começou às 12h30m, e mesmo assim com um número bem reduzido de pessoas. Parece que o pessoal dos vários grupos não aprenderam que em véspera de qualquer trabalho é inconseqüente a programnação de atividades ou festas que entrem noite a dentro. às 14h30m, com uma plenária cansada e confusa, sentiu-se a necessidade de um intervalo para o almoço. Cerca de 60 pessoas foram comer no restaurante do Hospital das Clínicas, onde se formaram mesas quilométricas.

Enquanto a comida não chegava, alguém sugeriu que brincássemos de "**Correio Elegante**". **A brincadeira consiste no seguinte: as pessoas escrevem um bilhete endereçado a alguém do grupo e o entrega ao correio, e ficam esperando as prováveis respostas. O mais interessante é que os bilhetes não possuem identificação de imediato, provocando grande curiosidade nos destinatários. Todos ficaram ouriçados, pois o que mais aparecia nos bilhetes eram convites ou abordagens amorosas. Do pessoal presente, os mais solicitados foram: João Luiz**)SOMOS/SP), um garotinho muito fofinho (pena que ele não tenha respondido aos meus bilhetes); Otávio (SOMOS/RJ); Mariza e Teka (**SOMOS/SP**).

O que surgiu de namoricos depois dessa brincadeira, não está no gibi. Inclusive fiquei sabendo de muita gente que está na fossa até hoje, por não ter sido correspondido (Snif! Snif! Snif!).

Em pleno "**Sábado de Aleluia**", as discussões alongaram-se e só por volta de meia-noite é que o pessoal pôde pensar em se divertir. Não foi programada nenhuma festa ou atividade para essa noite, logo houve uma pequena dispersão entre as pessoas. Um grupo resolveu dar uma esticada na **Boite Medieval** e acabou presenciando uma cena chocante que os deixou profundamente revoltados.

Na entrada do **Medieval** havia um grupo de "bofes" que malharam um judas chamado de **Geni** e que atirava pedaços do mesmo nos que entravam na boite. Em determinado momento, o envolvimento com a malhação (uma verdadeira catarse machista) foi tamanha que eles começaram a jogar sacos de lixo, que se encontravam próximos ao local, em todos os que entravam, na boite, principalmente nos travestis. A violência tão discutida atualmente, mais uma vez é canalizada contra os homossexuais, e isto não acontece de graça.

Entramos no 3º dia do encontro, muito esperado pelos participantes, pois na parte da tarde seria realizado o Encontro aberto. Todos mostravam-se muito receosos do que pudesse acontecer.

Ao término dos trabalhados da parte fechada o pessoal teve um pequeno intervalo para o almoço. Um grande número de participantes, foi almoçar numa pizzaria rodízio e muitas quase passaram mal de tanto comer. Mas o que aconteceu de mais engraçado foi o incidente ocorrido com João Carneiro (**SOMOS/RJ**), que teve sua saída de pizzaria vetada, sob a acusação de que não havia pago a conta. A bicha ficou nervosa e desandou a chamar as pessoas para que a ajudassem. Acontece que, além dele, outras pessoas também sentaram na mesma mesa, e o garçon, na hora de cobrar as despesas, o fez por intermédio de um talão apenas. Conclusão: uma das bichas, muito estabanadamente, saiu e levou consigo o talão que comprovava o pagamento da despesa, provocando assim o maior rebu. Mas tudo terminou bem, pois a bicha esquecida voltou e conseguiu livrar João Carneiro de ter de lavar pratos.

Tcham! Tcham! Tcham! Tchammm!!! Finalmente estamos na parte aberta do encontro. A emoção toma conta dos que passaram dois dias inteiros, discutindo isoladamente. O Teatro Ruth Escobar, às 14h30m, já se encontrava completamente lotado. Ao início do trabalho muitos lembraram-se das árduas repressões que vem sofrendo desde o dia que assumiram sua homossèxualidade como forma de prazer, e se pôde observar em alguns olhinhos apertados a ameaça do rolar de uma ou várias lágrimas.

Durante todo o debate o banheiro fervilhava de gente, que não deixou por menos e aproveitou pra dar uma transadinha, uma rasteira nas bichas organizadas. Na platéia os olhares eram o principal meio de comunicação interpessoal. Só não pegou quem não quis, pois entre uma falação e outra os flertes eram muito visíveis. Nenhum incidente, todos estavam interessados de tal modo no que as pessoas tinham pra dizer, que melhor andamento em termos de trabalho seria impossível. Quanto aos travestis presentes, deram um banho nas bichas repressoras e se tornaram o ponto principal das discussões.

Houve a tentativa de invasão do Teatro Ruth Escobar pelo Sr. Jacinto Figueira Jr., que queria a qualquer custo, filmar todo o Encontro para o seu famigerado programa: **O Homem do Sapato Branco**. E, o que a priori poderia acabar em conflito, transformou-se num quadro ultra-grotesco, digno de Fellini, pois dois camburões da PM, institutição que o Sr. Jacinto tanto enaltece em seus programas, por ironia do destino, é que justamente o impediram de entrar, dizendo que lá estavam para proteger o encontro. Não fique **nervoso** Jacinto, esta é apenas uma das várias contradições do Sistema que você tanto ufaniza!

Mais uma vez ficou patente entre os militantes dos diversos grupos que a luta dos homossexuais contra a repressão e a discriminação não está dissociada do prazer. Daí o I Encontro ter sido uma festa, onde além das intensas discussões todos puderam se sentir libertos e assim expressar toda a sua afetividade. (**Antônio Carlos Moreira**)

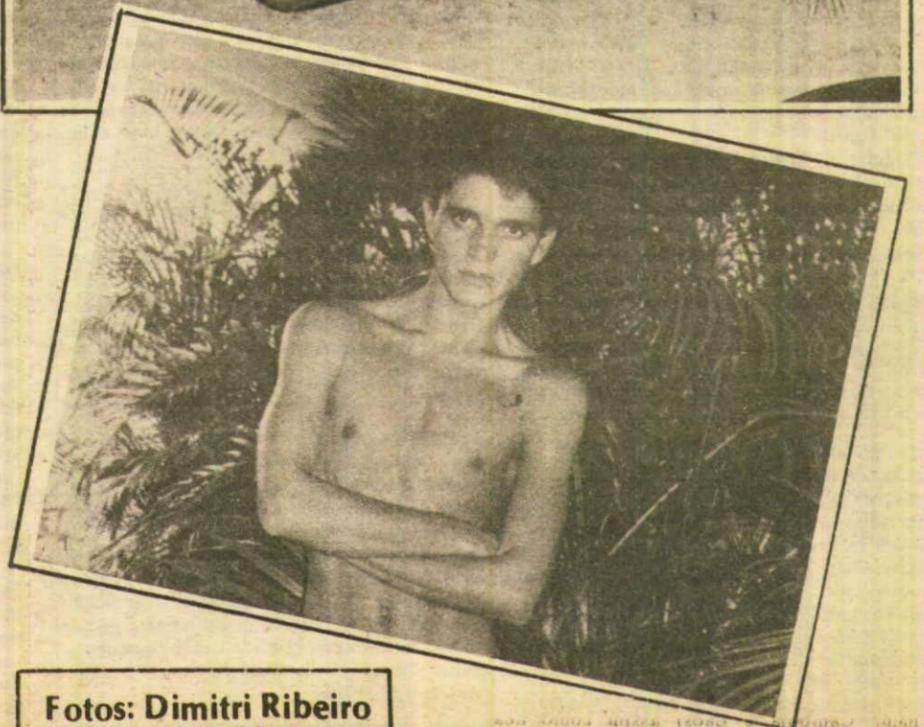
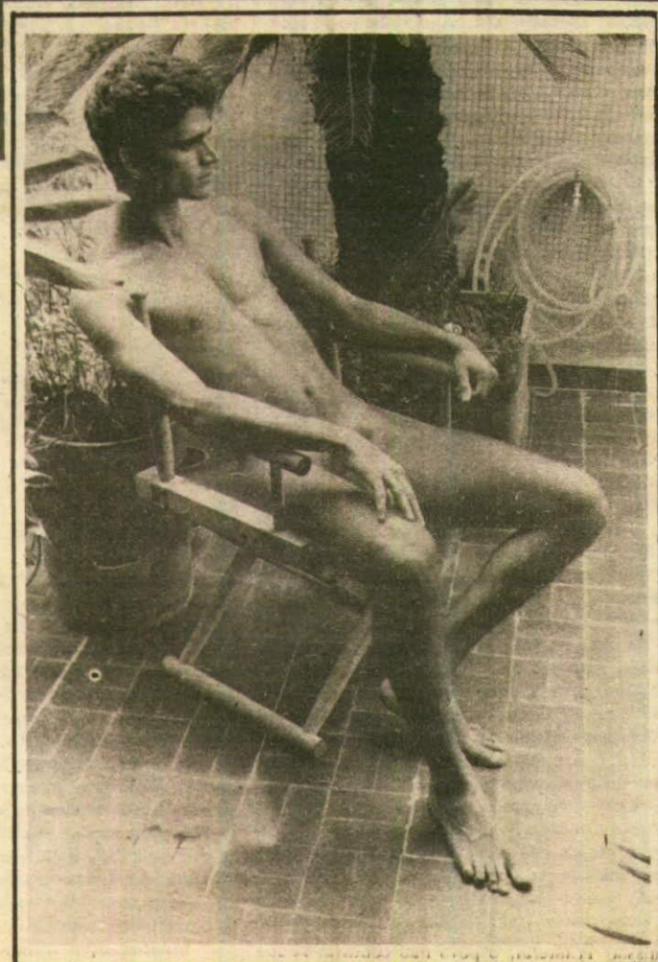
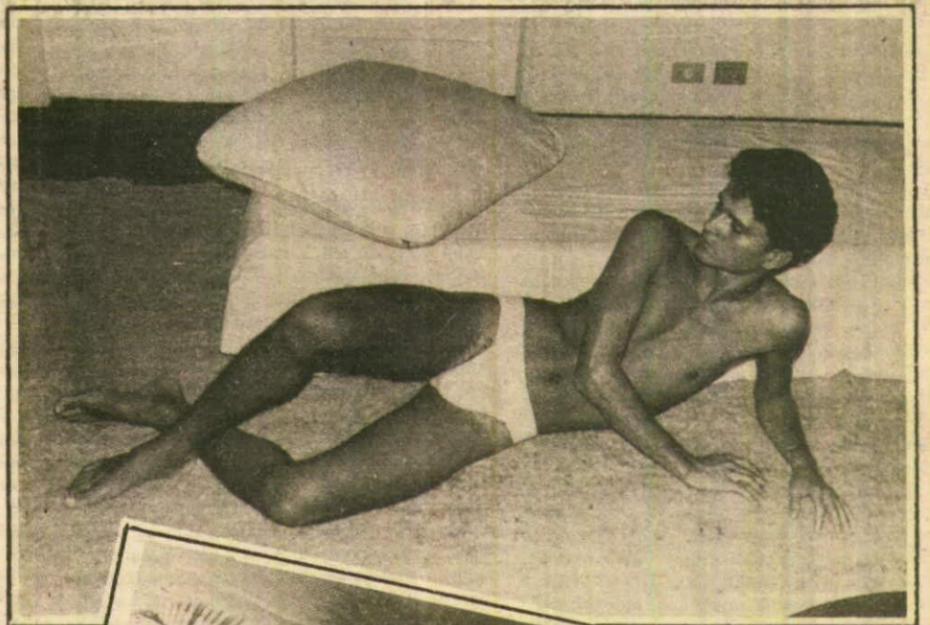
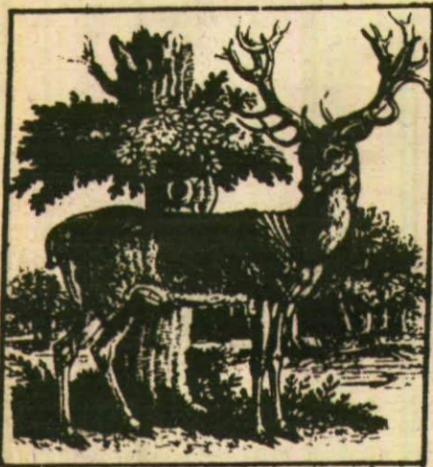
Fotos: Fanny/Cris LF Artes

As fotógrafas Fany e Cris Calix, do Lésbico-Feminista/Arte, comunicam aos participantes do I Encontro Brasileiro de Homossexuais que a publicação de suas fotos em outros órgãos da imprensa não pretendeu prejudicar os participantes nem faturar em cima deles. Sua intenção foi apenas divulgar, com as devidas precauções, uma luta da qual elas também participam. As referidas fotos são de autoria e propriedade das mesmas fotógrafas, não cabendo, portanto, eventuais acusações de que o jornal Lampião, **para o qual trabalham, teria monopolizado os direitos de documentar o Encontro, com fins lucrativos.**

Ao oferecerem suas fotos para veiculação em outros órgãos da imprensa, as fotógrafas recomendaram expressamente que as mesmas fossem escurecidas, para evitar a identificação das pessoas, e receberam total assentimento das redações. É lamentável que tal acordo não tenha sido cumprido por certo órgão da imprensa. Se houver qualquer problema daí resultante, é de se desejar que os grupos homossexuais organizados se empenhem na sua solução, como parte da luta contra a discriminação e intimidação de que somos vítimas.

Para maiores esclarecimentos, escrever para Fany e Cris Calix na Caixa Postal, 22.196, Grupo Lésbico-Feminista.

Detalhes de um jardim tropical

Nosso garoto do mês chama-se Breno, trabalha na Bolsa de Valores e curte uma Honda 2000. Acha o **surf** uma "coisa de caretas", o **wind-surf** "uma brincadeira de burgueses" e a asa delta "um santo remédio para quem sofre de hemorróidas" (ele, naturalmente, não as tem). Está mais para o ano 2000 que para 1980 — quer dizer, em matéria de transar o corpo, já está na fase dos dedos dos pés. Precisa dizer mais? Ah, o endereço dele? Isso, não. O jardim tropical foi gentileza de Dudu Guimarães.

Fotos: Dimitri Ribeiro

Vitória

Desde sua fundação, em 1517, Vitória, capital do Espírito Santo, é conhecida como "ilha do mel". A intenção de Maria Bethania em justificar conotações eróticas na palavra encontra apoio total na cidade, que, naturalmente, agrupa um pouquinho de cada coisa. Sua geografia é muito bonita, suas praias são ótimas, o verão é sempre uma perspectiva para quem gosta de tranqüilidade.

É muito fácil chegar aqui, porque fica entre a Bahia, Minas e o Rio. Vitória é uma reunião de tudo isso, mais um ar descontraído dos meninos e, até mesmo, das meninas.

O **Britz-Bar** é o principal ponto do centro de Vitória. Fundado pela esquerda acossada em 1969, depois empossado pela ala discreta do movimento guei, que nunca mais deu espaço nem mesmo aos banidos ressentidos ou não. O bar fecha de manhã. Assim, durante horas, os que usam barba-e-bigode e os que dispensam a indumentária se olham sem resultados práticos. Geralmente, os freqüentadores vão ao **Britz** mais pelo que ele representa como ponto de encontro folclórico da cidade. Fica perto da praça Costa Pereira, parecida com a "feira" de Brasília, com loucas e michetagem, tipo Shirley e amor impossível. Entre o bar e a praça, a Rua Sete de Setembro tem no seu calçadão muito a ser aproveitado, mas com alto risco, porque os freqüentadores são os mais "ligados".

Também no centro fica o **Parque Moscoso**, ponto final de ônibus das cidades-dormitórios, onde tudo é sempre diferente, como dizia Roberto Carlos. No **Bar Moscoso** o clima é sempre de desconfiança (são os do norte que vêm), mas, apesar da má qualidade do serviço e das mulheres que fazem ponto disfarçado e tolerado na região, o estrangeiro pode até se arriscar, desde que pague.

O bar mais tradicional da cidade, o **Santos**, na Vila Rubim, vale mais pelo que tem de antigo e discreto, mas não é lugar badalado. É ponto ideal para conversas discretas, em mesa de mármore.

Nas praias, onde impera a classe média, os bares nunca têm a descontração necessária para abordagens mais sérias. Menos na praia da Costa, na cidade de Vila Velha, (próxima a Vitória), onde o **Vila Praia** representa o melhor das vizinhanças. Outro **Vila**, o do centro de Vila Velha, tem michetagem suburbana que lembra os tempos do bar guei do Bairro da Glória, o **Che-Guei**, que hoje é um bar, a pedido, de enrustidos, mas tem o nome de **Cinderela.** Vila Velha é uma cidade dormitório, a uns doze quilômetros da capital (todos os motoristas de táxi são "aderentes").

Para quem faz a linha lixo: o bar **Tricolor**, na Jerônimo Monteiro (avenida principal desta ilha), com "juke-box" e michetagem. O **Sniff**, na Praia de Suá, em frente ao ponto de ônibus onde foi vista pela última vez aquela futura santa, a Araceli, também oferece a mesma linha. A sauna **Fleur**, na Rua Coronel Monjardim, gerenciada por um ex-cabeleireiro, é igual às outras em qualquer parte do país. Na Avenida Beira-Mar, no cais do Porto, a partir de 19 horas, funcionam as Shirleys, sempre óbvias. Para quem gosta da linha estrangeiro-que-te-quero-de-olho-verde (todos vindos do porto de Tubarão e etc.) a melhor opção é a sauna do **Hotel Senca**, na ilha do Boi.

Outro bar recomendado e testado: o **Panela de Barro**, em Maruípe, perto do quartel da Polícia Militar (não preciso dar mais detalhes). Para quem faz a linha Classe A: a orla marítima da Praia da Costa, nas noites de verão, é muito animada. Principalmente se você está de carro. A "jeunesse-doreé" está toda lá.

Em outro extremo fica o bairro de Campo Grande, com a discoteca **Aquarius.** O bairro é ótimo, embora pobre (por paradoxal que pareça: é o mais rico de todos os bairros pobres, cujas ruas vão terminar em Campo Grande. Assim, todos os migrantes estão lá). Há bares com calçadões e cadeiras, estilo "fumando espero". Todos os motéis da Grande Vitória (ou seja, a reunião de três municípios, Vitória, Vila Velha e Serra que são na verdade uma coisa só, separadas apenas por interesses políticos) oferecem o máximo de discreção e alheiamento, inclusive de dia. Nada se pergunta, o que importa é o pagamento. Muitos locais têm decoração perfeita para um filme pornô, com espelhos e muito silencio lá fora.

Para quem gosta de cinema e de música de Ângela Maria: o cine **Santa Cecília** é o mais tradicional, tanto que já foi manchete, tipo "que mundo é esse?" Há os que preferem os cines **Glória e Odeon** (este o mais movimentado às tardes).

O bar **Marita's**, no centro da cidade (rua Nestor Gomes), tem roda de samba no fim de semana, e oferece muita animação a partir do proprietário da casa.

Para quem faz a linha radical-lixo, a "cidade" de Carapeba pode ser uma opção. É bairro onde foram confinadas as prostitutas, na década passada. Em fim de noite, há sempre os peões que não conseguiram uma cama para dormir. Programa recomendado só para quem tem carro. A Civit, um bairro de operários que trabalha no porto de Tubarão, é também recomendado para quem faz essa linha. Alguém muito viajado diz que prefere passar as férias no Civit a Paris.

Guarapari é atração permanente durante o ano todo, principalmente no verão (que aqui termina em maio, extra-oficialmente). A maior parte dos freqüentadores é do Rio. Assim, vocês já sabem tudo. Jacareípe é mais calma: e freqüentada pelos mineiros que atravessam a fronteira, loucos para esquecer as montanhas. Ia me esquecendo: em frente ao **Britz**, os dissidentes inventaram uma lanchonete **Mimi.** A partir do título está a indicação. Para quem faz a linha "pelo-amor-de-Deus-me-leva-em-casa".

Para quem adota a linha forte: o **Bar do Délio**, em Goiabeiras, que reúne todas as alas. É difícil chegar lá, mas todo motorista de táxi lhe informa. O bar da **Tia Hilda**, na Ilha do Contorno, segue o mesmo esquema, mais assaltos, escândalos e outros faroestes. Apesar da prostituição feminina na praia de Caburi, em frente ao bar **Franciscano** (onde a santa Araceli foi vista, segundo se comenta) também é uma opção, mas muito desespèrada.

O **Bar-Sem-Porta**, em São Torquato, é para quem faz a linha fortíssima. Tipo "pega pra capar" ou "corre que lá vem homens". O **Garrucha 44** oferece espaço e muita cerveja para as meninas, que não ligam para o aparente machismo do nome. Outras dicas: O **bar-do-Sizino**, o **Groupe**, o **Dim-Dom-Dom**, todos na praia do Canto, também expõem à noite, a beleza dos jovens dourados — porém todos muito desligados.

Para quem faz a linha bofe-ao-ponto, é só passar de carro em frente a qualquer ponto de ônibus. Aqui em Vitória — não se sabe se por causa do antigo apelido, "a ilha do mel" — acontece o seguinte: Você olha. Se olhar também, dá certo. Invariavelmente acontece. Mas é preciso ter **savoir faire.** Basta lembrar que o primeiro donatário da capitania hereditária foi excomungado pela Igreja Católica simplesmente porque insistia em entrar na Igreja fumando cigarrilha de palha. Ou seja: com discreção, tudo é possível. (**Amylton Almeida**)

Lecy pra cabeça

Festival é sempre uma coisa careta. E o MPB-80 não fugiria à regra, a julgar pela primeira eliminatória, não fossem duas músicas: o regefrege desenfreado daquela dupla baiana (meu Deus, mais uma!) intitulado **Rasta-Pé**, e a canção dessa preciosa, divina musa aqui da casa, chamada Lecy Brandão. **Essa tal criatura** não só tem uma das letras mais bonitas que eu ouvi nestes últimos tempos de músicas maravilhosas, como permitiu que a nossa Lecy desabrochasse como uma das maiores intérpretes da nossa música popular. Sua apresentação no **Fantástico** foi tão emocionante que eu, Adão Acosta e respectivos namorados ficamos de vozes embargadas e olhos úmidos. Continua assim, Lecy, que você está no caminho certo.

Aliás, causou-me espècie, no mesmo MPB-80, o entusiasmo de uma classe de artistas quanto à música de Joyce. Eu achei **Clareana**, a música em questão, quadrada e chatinha. E depois, essa de falar das filhinhas com aquela postura de menininha de classe média, minha cara Joyce, já era: artista tem mesmo é que dizer que a família acabou, e não louvá-la. Não demora muito e o SECOM pede a sua cançoneta emprestada para ilustrar o filmete governamental dedicado ao Dia das Mães.

Viva Lecy, que levou o pessoal do Fantástico pros Arcos da Lapa e usou, como **back-ground**, pares homossexuais — masculinos e femininos —, que curtiam a paisagem enquanto ela cantava; tudo muito inquietante, como convém a um artista que se preza. (**Aguinaldo Silva**)

"Z", o antibicha

Quando eu entrei no cinema para, finalmente, ver o filme Z, de Costa Gravas, senti como se estivesse caminhando para uma sessão solene. Afinal, não se espera dez anos em vão para, depois de tanto tempo, simplesmente entrar no cinema acompanhado de um saco de pipoca e engasgar diante das emoções de um thriller **tão bem montado.**

Pois bem, duas horas depois saí do cinema com a agradável impressão de realmente ter visto um dos melhores filmes que as garras da censura haviam mantido longe de nós. Mas também saí com algumas imagens, aparentemente sem importância, latejando em minha cabeça.

Se vistas dentro de toda a história, estas imagens contam muito pouco. Fisicamente, ocupam pouco espaço do filme — que, pelo menos, tem o mérito de discutir política sem a secura das análises acadêmicas e julga necessário mostrar, sem grande interferência da câmara, o comovente rio de lágrimas derramado pela bela atriz Irene Papas. As cenas de que falei são as seguintes: 1) o assassino, diante do juiz, confirma já haver sido preso por corrupção de menores e, com um sorriso cínico, num sutil estereótipo dos assassinos e corruptos, confessa que comeu um escoteiro em noite de acampamento. 2) sentado na carroceria da camionete, o assassino observa um rapaz (muito bonito, por sinal) que, vestido apenas de calção e camiseta brancos, está na varanda de sua casa e assiste ao comício da praça. 3) o assassino pede ao jornalista, que, ao que tudo indica, é o seu caso, pra por seu nome na cabeça da lista das pessoas que tumultuaram o comício. O jornalista concorda e pede para que ele saia da redação. O assassino volta em seguida, apavorado com a morte do deputado, e pede para retirar seu nome. O jornalista, mais uma vez, cede. 4) O assassino entra em um bar e, numa cena quase lírica de pegação, não fosse ele um assassino, acaricia a mão do rapaz-tipo-bofe que joga flipper.

O quebra-cabeça está quase totalmente montado, então: o assassino é homossexual. E, nestas quatro cenas, rápidas e objetivamente fascistas, está lançada a velha, gasta e doentia imagem da bicha. Vamos a elas outra vez: na cena um, fica entendido que os homossexuais são indivíduos propensos ao crime e que não podem ver garotinhos de coxa de fora que querem comer. Na cena dois, esta de uma imensa crueldade, o homossexual observa mais uma presa, minutos antes de se tornar, definitivamente, o assassino do "deputado mais honesto da Grécia". O quebra-cabeça está quase totalmente montado, então: o assassino é homossexual. E, nestas quatro cenas, rápidas e objetivamente fascistas, está lançada a velha, gasta e doentia imagem da bicha. Vamos a elas outra vez: na cena um, fica entendido que os homossexuais são indivíduos propensos ao crime e que não podem ver garotinhos de coxa de fora que querem comer. Na cena dois, esta de uma imensa crueldade, o homossexual observa mais uma presa, minutos antes de se tornar, definitivamente, o assassino do "deputado mais honesto da Grécia".

Assim, fica bem claro, de uma vez por todas, que homossexualismo e crime andam de mãos dadas. Na cena três, o jornalista, bicha ele também, é fraco, medroso e cede a tudo, mesmo a vontades opostas vindas no mesmo momento, e pode comprometer seriamente o nome da empresa para a qual trabalha. É aconselhável tomar cuidado com eles e afastá-los das grandes responsabilidades. Na cena quatro, tão bonita e feita com minúcias de um connoisseur, a bicha, já dissecada como colcha de retalho das qualidades mais perigosas, sai para uma noite de gandaia. E havia acabado de se tornar um assassino, o que, para ele, não tinha importância alguma.

Espero que não me venham com a história de que ele era um caso isolado e que, na tela, não corria o risco de falar, ou agir, em nome de todos. Quem é que, vendo o fime, não pensou em todos os políticos honestos, em todo o mundo, mortos e eliminados pelo sistema? Agora, pergunto: que importância tem para a história de Z, **ou para a elucidação política a que se propõe, saber que o assassino (pago por forças superiores interessadas em escrever a história da Grécia à sua maneira) era homossexual? Em momento algum Costa Gravas parece estar interessado em descobrir se as outras pessoas, igualmente envolvidas no assassinato, trepavam bem com suas esposas ou se viviam felizes dentro de casa. Ao contrário, mostrou apenas (e de maneira muito eficaz) que todos eram esmagados socialmente. Mas quando se trata de bicha, parece que a coisa é diferente — porque, além do caráter sensacionalista que o homossexualismo oferece, tudo indica que só com os homossexuais acontece de o seu sexo ser mais importante que todos os outros componentes de sua vida. Sabem de uma coisa? Isto está me cheirando a jornalismo barato.**

De forma que, para as sessões solenes, eu vou preparado. Além do meu saco de pipoca, levo junto a minha bem alimentada capacidade de saber que nem tudo está salvo só porque o regime resolveu abrir as pernas. Eu, hem! (Alexandre Ribondi).

Olha o Mão Branca!

No mesmo dia em que os homossexuais organizados do Rio desencadeavam a concretização de uma proposta de trabalho com o **COLETIVO DE MULHERES/RJ** e com o **Movimento anti-Nuclear/RJ**, mais um travesti era assassinado na cidade chamada de maravilhosa: o quarto, neste mês de abril (e ainda é dia 16...). Mas, não foi apenas mais um crime; nem sequer, apenas mais um crime contra uma bicha, como aquele de Santa Tereza, duplo, do qual ninguém mais falou, claro.

Desta vez, tudo começou com um rapto na Galeria Alaska, terminando com um corpo seviciado e abandonado na Barra. Reivindicando o assassinato, a tal quadrilha ilegal (?) que uma certa figura batizou de **Mão Branca.** E um aviso: "começou a limpeza da galeria".

Logo o travesti, que dava pelo nome de Geni, virou "traficante e membro de uma gang de assaltantes", para lucro e manchete da imprensa marrom, aquela mesma que inventou e fabricou o **Mão Branca**, para fazer esquecer a real violência em que sobrevivemos.

As nossas famílias tradicionais e proprietárias, aquelas mesmas que estão invadindo a Galeria Alaska "para ver as bichas", escutam as apocalíticas palestras de Dom Eugênio Salles, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, citam o Papa para nos condenar, e dormem mais tranqüilas: o **Mão Branca, zela pela paz, pela ordem e pelo progresso.**

Entretanto, um pouco pelo país todo, operários lutam por seu direito ao pão... e não há **Mão Branca** que vá em seu auxílio. Aliás, como poderia ir, se é a polícia que lhes dá porrada? Mas, esse é outro papo.

No mesmo dia, na Estácio de Sá — aquelas faculdades onde se formam os censores —, um tal Christian, antropólogo de profissão, parece que ianque, palestrava sobre **homossexualismo/homossexualidade, na base do "cada ser humano tem seu lado homo e seu lado hetero, e a sociedade é que blá blá blá". Uma platéia sisuda, autoproclamada de normal, perguntava coisas do gênero: "como é que se sente prazer no coito anal?". Só faltava mesmo era um som de Gil, para ficar cada macaco no seu galho.**

Para que conste: não foi o **Mão Branca** quem destruiu, na PUC/RJ, os cartazes do I Encontro Brasileiro de Homossexuais; foram militantes estudantis de uma(s) certa(s) esquerda(s).

Como se nada tivessem que ver com toda esta

autêntica guerra, bichas (serão bichas, mesmo?) empresárias continuam promovendo concursos tipo **o gay 80**, ou **o garotão do ano.** Parece que, entre a gente, há quem esteja remando contra a maré. Questão de opinião? Afinal, é necessário que os viados (e os sapatões, tá, não precisam voltar a me chamar de machista) sejam livres até para serem alienados.

É. Mais que nunca, parece evidente a necessidade de a viadagem e a sapataria se unirem, se organizarem, lutarem juntas. Travestis, michês, transformistas, **todos.**

E os atentados contra a Gueifieira (São José) e o Bifão? Também será coisa do **Mão Branca,** ou estaremos enfrentando uma quinta coluna? Afinal, quem esqueceu o comício paulista (boate Men's Country), dia 6 de abril, contra o I Encontro Brasileiro de Homossexuais e em defesa do **Homem do Sapato Branco?**

Também militantes do **Coletivo de Mulheres/RJ** e do **Movimento Anti-Nuclear/RJ** podem ser valiosos aliados da luta contra a repressão e a opressão que se abatem sobre nós, homossexuais. Sem essa de frentes amplas, de cariz presteano. Mas, isso sim, dando as mãos onde e sempre que for possível.

Frescuras, frescuras, lutas à parte. Tá, bonecas? (**João Carneiro**)

Que trapalhada!

Lendo a seção de cartas do **Caderno B** do Jornal do Brasil, deparei-me no último dia 23 de março com a de um tal **Jorge Farias Reichard,** que nervosamente acusava o programa **Os Trapalhões** de promover abertamente o homossexualismo. Como se não bastasse tal disparate, o famigerado telespectador continua: "Além de um personagem constante que faz o **tipo do invertido sexual** o programa **teve a coragem** de trazer, há pouco, um conhecido homossexual (?), certamente para reforçar o **aliciamento** das crianças à prática desse desvio do comportamento. Ou quem sabe, há uma premeditação para acabar com os valores morais da nossa sociedade?"

É bom lembrarmos a este telespectador tão preocupado com a formação das crianças que **Os Trapalhões** em hipótese alguma tenta promover a imagem do homossexual. Pelo contrário, é justamente em nome de tais valores morais, tão apregoados em sua carta, que este programa é moldado.

Pelo que podemos observar, todas as atitudes homossexuais, veiculadas pelo Sr. Renato Aragão e CIA., trazem uma grande e grosseira dose de esteriótipos que visam simplesmente ridicularizar a figura da bicha, para que as inocentes crianças automaticamente passem a ter uma prevenção a tal tipo de comportamento, que é grotescamente apresentado. E se raciocinarmos bem, veremos que tal programa se preocupa realmente em aliciar as indefesas crianças, mas só que em detrimento das práticas heterossexuais e dos comportamentos machistas desta sociedade.

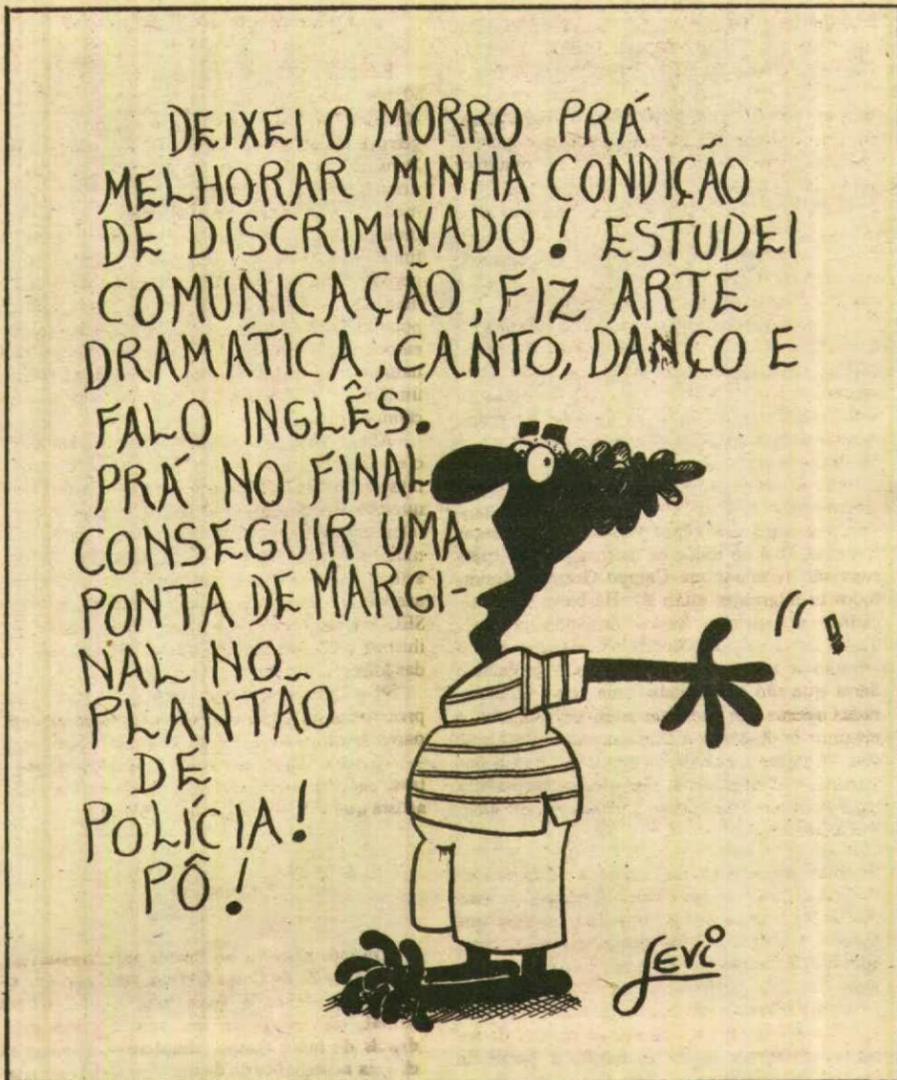
Fique sabendo seu **Jorge Farias** que quem degenera e desvia o comportamento das crianças e dos indivíduos no geral é justamente esta sociedade machista em que vivemos, que até hoje, com seu arcabouço moral, só serviu para oprimir e castrar a expressão e os sentimentos dos indivíduos. (**Antônio Carlos Moreira**).

Papa processado

O Ministro do Interior da Espanha, Sr. Ibañez Freire, anunciou em Madri que seu governo não concederá status legal às organizações homossexuais porque a homossexualidade em seu país ainda é considerada crime. Falando nas Cortes, Freire disse que qualquer grupo que contrarie a "moral pública" não pode ser aceito dentro da lei.

A discussão foi levantada quando a Frente de Liberação Homossexual da Catalunha pediu seu reconhecimento legal, dentro das liberdades constitucionais pós-franquistas, e de livre associação. Nesse sentido, a organização catalã reuniu recentemente sete mil pessoas no seu quarto congresso anual em Barcelona. O congresso foi apoiado por mais de 50 câmaras municipais, sindicatos e organizações de jovens. Os dirigentes da Frente, dizem que os "homossexuais estão sendo forçados a levar vida dupla enquanto que o governo afirma que agora temos uma democracia na Espanha". (Fonte: "The Body Politics" Nº 62 de abril, 1980)

DEIXEI O MORRO PRÁ MELHORAR MINHA CONDIÇÃO DE DISCRIMINADO! ESTUDEI COMUNICAÇÃO, FIZ ARTE DRAMÁTICA, CANTO, DANÇO E FALO INGLÊS.
PRÁ NO FINAL CONSEGUIR UMA PONTA DE MARGINAL NO PLANTÃO DE POLÍCIA! PÔ!

Levi

Festa paulista

As bichas e as lésbicas do SOMOS/SP, estão ouriçadíssimas, pois no próximo dia 20, será comemorado o 2º aniversário do Grupo, e que promete ser a **Glória**!!! Para as comemorações está sendo programada uma semana de atividades, faltando confirmar alguns detalhes: **Dia 19** — Exposição e Venda de Obras sobre Homossexualismo, Boite Bughouse, na Augusta; **Dia 20** — Mostra do Filme do 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais e Show do Grupo, na Boite Mistura Fina, Major Sertório; **Dia 21** — Debate aberto sobre o Grupo SOMOS/SP, Teatro Ruth Escobar; **Dia 22** — Bingo/cartela, Boite Condessa ou Le Beteau; **Dia 23** — Show com cantores e Recital de poesias do pessoal do Grupo, Boite Mistura Fina; **Dia 24** — "Meu Brasil Lesbicheiro", baile a fantasia na Boite Mistura Fina. As musas da nossa redação, ficaram eufóricas com o programa, e prometem dar uma esticadinha em São Paulo e fazer aquela **"Jambe le Jambe"**.

Baratos em Brasília

Você já foi à Brasília? Não? Então vá, correndo, para gozar do clima que agora, justamente, com o início da temporada de seca, é muito saudável. Mas não era disso que eu queria falar, claro. Estou convencido que o pecado mora em Brasília, um direito que a cidade conquistou com seus cavalarianos, infantes e artilheiros, isto é, em linguagem acessível, recos de todas as armas imagináveis que te dão uma sopa infernal, de você ficar boquiaberto no grande viaduto da Rodiviária, olhando transido para a beleza da esplanada dos ministérios. "Estarei sonhando, ou é realidade mesmo", me perguntei a beliscar-me. Era tudo verdade, e tem mais. A vida noturna da capital federal é um verdadeiro forró de botar água na boca em qualquer cidade grande. Existem lá duas boates, The Fox e a New Aquarius, além de uma galeria subterrânea conhecida como Buraco do Mijo, onde acontecem as coisas mais quentes do planeta.

Eu me concentrei na New Aquarius, cujo dono, Oswaldo, pediu à assistência uma salva de palmas para Lampião **em minha homenagem na primeira noite que lá estive. Naturalmente que voltei muitas vezes e, sempre maravilhado, vi o que desconfio ser o tipo brasileiro de homossexual (que o defunto grupo GAAG tanto procurava): são homens rudes e fortes, mas de trato afável e alegre. Eles fazem strip-tease com a maior sem-cerimônia, basta a gente pedir. Tinha um... Bem, cala-te boca.**

Uma idéia que me ocorreu é organizar uma marcha de bichas sobre Brasília para consagrar a capital como nossa também. Depois desta nota sei que o turismo brasiliense, que me pareceu meio micha, vai florescer. Corram para lá, bonecas deslumbradas, mas não vão pensando que estão nos últimos dias de Pompéia ou naquelas cidades dormitório que a Bíblia chamou de Sodoma e Gomorra. Comportadas e devagar é que vocês conseguirão tudo, e não esqueçam de levar seus chucas. Vão por mim que vocês entram bem. (Francisco Bittencourt).

Memória guei

De alguns anos para cá, a Imprensa brasileira tem dado um destaque a Questão Homossexual. Notícias, ensaios, entrevistas, matérias e contos, tem sido publicados em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal **Lampião** resolveu organizar uma **Memória** de tudo que tenha sido ou venha ser publicado sobre homossexualismo. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos o original ou xerox desse material.

* * * * * *

Lampião da Esquina: Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro — RJ — CEP **20.400**

Feministas viram a mesa

No número anterior de LAMPIÃO vocês leram, com detalhes, o que realmente aconteceu no II Congresso da Mulher Paulista, realizado em março. Bem no meio das sessões de porradas e autoritarismo, no calor dos acontecimentos daqueles dias, um lampiônico, João Silvério Trevisan, reuniu quatro feministas, ainda roucas e perplexas, para um papo muito franco, onde fosse possível fazer uma previsão e uma análise do movimento feminista após aqueles acontecimentos. Foi uma conversa quase sem fôlego, mas também desopilante, que serviu para descarregar as tensões e acabou indicando os novos rumos que o movimento feminista pretende tomar no Brasil. Presentes: Ana Matilde Mota, **da Associação das Mulheres;** Maria Moraes, **do Grupo Nós Mulheres;** Teresa Caldeira, **feminista independente;** Cynthia Sarti, **também do grupo Nós Mulheres. E o próprio Trevisan, pelo LAMPIÃO. Todos botando a boca no mundo.**

Mulheres não se envergonham de assumir a sua "luta menor"

Trevisan — **Me preocupa muito o que aconteceu no Congresso. Foi a primeira vez que, dentro de uma luta independente de partidos, uma luta autônoma, explode isso em termos assim bem vivos e em público. Então, nós temos aí um fato concreto. Assim, eu gostaria de perguntar a vocês, o que significa isso politicamente, em termos inclusive de perspectivas: como é que vai ser o movimento feminista e/ou feminino?**

Cynthia — É o seguinte: eu acho que uma outra questão, além dessa questão da autonomia, que este congresso de mulheres colocou, é o fato de que não houve nenhum avanço em termos de conclusões, neste congresso, em relação ao do ano passado. Eu acho que ele coloca uma questão para a gente que é a seguinte: como é que a gente se organiza daqui pra diante? Como é que a gente centra a nossa atuação no movimento feminista? A gente vai centrar em torno do que interessa à gente, aos grupos feministas, que têm uma parte basicamente de mulheres de classe média, universitárias, etc. — que significam uma representatividade muito grande numa cidade como São Paulo, por exemplo —, ou a gente tende a incorporar um número muito maior de mulheres e sacrificar com isso uma série de reivindicações, porque elas não são de todo o mundo. Eu acho que essa é a questão que a gente tem que pôr.

— Porque no fim, a gente chegou, fez um congresso de quatro mil mulheres, no qual a gente não conseguiu passar uma só das reivindicações que estão no programa, que é imenso. Então, no próximo ano, o seguinte: quem não for feminista, quem não tiver reivindicações, cai fora. Nós preferimos reunir 500 mulheres que tenham representação, que falem o que realmente pensam.

Ana — Eu gostaria de colocar uma coisa na linha do que a Cynthia está dizendo. A gente, que compõe estes grupos feministas, vem de um certo extrato social, um certo grau de cultura. Além disso, tem outra determinante, o fato de que muita gente foi militante política, e vem para o movimento com uma bagagem orientada por essa militância. Eu acho que essas duas coisas fazem com que, na prática, a gente se divida um pouco; porque a gente tem concepções feministas, quer lançar um programa nessa linha do que a gente acumulou até agora, mas ao mesmo tempo é dividida pela necessidade de ampliar o movimento, de achar que ele só tem sentido se empolgar realmente a ampla massa de mulheres. Ora, a ampla massa de mulheres é formada, inclusive, por mulheres de classes diferentes da nossa, certo? **— Então, o que foi esse congresso? Seu temário** só era capaz de sensibilizar mulheres como gente, que tem um nível de consciência do problema, que é X, e que é diferente das outras, essa a contradição que se revelou no congresso: o desejo de avançar numa determinada linha e, ao mesmo tempo, a conciliação que se faz no sentido de querer ampliar a participação das mulheres.

Cynthia — E assim a gente nunca avança. Há anos que é isso.

Ana — Não era possível, para tirar desse congresso o que a gente queria, que ele tivesse o tipo de composição que teve.

Teresa — Eu acho que tem um grave problema, que é o seguinte: o movimento feminista, quer dizer, os grupos feministas, sempre omitiram que eram feministas. Além dos problemas que tinham com essa palavra, chamavam grupos de mulheres justamente para fazer a composição das 50 mil organizações, entidades que formavam a coordenação do congresso. E então, nessa coordenação, as feministas eram mão-de-obra, mas estavam em minoria. E por isso, o tempo todo elas estavam retirando suas bandeiras. Porque lá estão quatro mil mulheres, e então, em nome do apoio que elas lhe dão, você vai tirando suas **reivindicações, vai botando elas de lado, vai esquecendo.** Eu acho inclusive que no ano passado, quando tinha um número bem menor de mulheres no congresso, foram discutidas questões de muito mais peso, em termos de movimento feminista, do que nesse.

Trevisan — **Se vocês têm, realmente, um programa muito definido, é evidente que a possibilidade de uma participação bastante ampla é bem menor, e os partidos vão olhar vocês com outros olhos. Por exemplo, vocês vão virar, efetivamente, pequeno-burguesesas, porque é a grande pecha que tascam em cima de vocês como feministas. O movimento feminista brasileiro — isso é uma coisa muito pessoal, minha, que eu acho há algum tempo — veio até hoje muito atarrachado por discussões partidárias, mesmo que não fossem politico-partidárias, mas de programas de certos partidos. Então, de repente, eu vejo a coisa, hoje, assim como um parto, e acho que esse parto vai ser muito custoso. Eu queria que analisassem, também, em perspectiva da relação nova que vocês vão ter com os partidos.**

Maria — Eu acho que a grande deficiência nossa foi a seguinte: nós tivemos consciência de que o movimento de mulheres, pela sua natureza, comportava mulheres de classes diferentes, de níveis diferenciados de integração, inclusive níveis diferenciados no sentido de militância. A gente tinha clareza dos pontos que devia defender na prática, mas sempre que confrontadas, enquanto feministas, dentro do movimento de mulheres, a gente abdicou de defender nossos pontos de vista, a gente se dizia, "bom, vamos tentar fazer a unidade em cima do que dá". E o que dá é isso: opressão salarial, creche, bolsa de saúde, etc. Nosso erro foi o seguinte: existem milhares, milhões de mulheres iguais a nós; por que é que a gente se despreza, fica se proletarizando? Que absurdo é esse?

➡

— Nosso problema eu acho que é esse: além de se definir, agora é partir para trabalhar e organizar, partindo da maioria das pessoas que pensa igual a nós.

Cynthia — Porque o feminismo tem uma base que é bem urbana e de classe média...

Maria — E é nessa base que está a raiz de sua problemática. O negócio é o seguinte: nós somos uma tendência dentro do movimento de mulheres, uma tendência feminista. Então, vamos nos caracterizar dessa forma e trabalhar em cima disso. De outra forma, não avançaremos.

Cynthia — Mesmo que isso sacrifique a unidade, que é uma unidade falsa, na verdade.

Maria — Uma unidade mentirosa. Por exemplo: se a Igreja Católica é contra **o aborto,** o problema é da Igreja Católica. Porque eu sou favorável à legalização do aborto. E foi uma vergonha o que aconteceu no congresso: alguém pediu pra gente dar um tempo, pra não levantar essa questão. Ora, as mulheres estão abortando há não sei quantos milênios. Todo ano três milhões de mulheres morrem por causa disso. E ainda pedem pra gente pensar um pouco antes de falar no assunto!? Vai dizer a uma mulher grávida pra não pensar nisso, pra não falar em aborto...

Cunthia — O fato é que a gente, que organizou a coisa, que comandou a coisa, no fim não teve espaço pra falar.

Trevisan _ E ainda foram chamadas de sutoritárias e repressivas.

Maria — Pois é; falou todo o mundo: a UNE, a PUC, a TUC, a LUC, menos nós. Aí eu falei, "pois é, só faltam os marcianos chegarem aqui, neste congresso de mulheres, e pedirem a palavra..." Assim não dá!

Trevisan — **Dá pra dizer rapidinho como é que foi o negócio dos negros?**

Maria — Acho que foi um problema de incompreensão. Há críticas que podem ser feitas à coordenação, mas não quanto ao convite feito ao movimento negro. Além disso, vários grupos aprovaram moções de apoio à luta da mulher negra, bem como à luta da mulher homossexual.

Ana — Claro. Antes de os relatórios serem lidos, elas levantaram a discussão, dizendo que neles não se falava em mulher negra. Quiseram ler a própria moção que tinham redigido, tinham uma postura de ressentimento, disseram que não queriam pegar o bonde andando. Mas a gente convidou, elas é que não participaram da coordenação.

Trevisan — **Voltando à posição atual de vocês: quer dizer que vão tirar a máscara...**

Maria — Vamos trabalhar com clareza nas nossas posições, defendendo-as abertamente...

Trevisan — **Posições feministas....**

Maria _ ...E fazer a unidade em pontos específicos. Têm coisas que para nós são importantes. A prostituição, por exemplo: então, se forma uma comissão, trabalha em cima, e tal. Nós não vamos pedir autorização de ninguém pra fazer isso. A questão do aborto: nós vamos levar a luta pela legalização do aborto, sim. Chega quem quiser. Eu lamento muito que setores tão radicais, como os jovens marxistas da Hora do Povo, sejam contra a legalização do aborto. E não em nome deles, em nome...

Trevisan — **Em nome da Igreja?**

Maria — ... De interesses da população, que nem foi perguntada a respeito.

Cynthia — Você só vai saber quem é a favor ou contra quando a campanha estiver aí. Só isso.

Maria — Então, o que acontece: eu fui na Jovem Pan, e vi um liberal como Severo Gomes defender brilhantemente a legalização do aborto; vi o Lauro César Muniz defender brilhantemente a legalização do aborto; a mesma coisa para Irene Ravache. Mas vou num Congresso de Mulheres, e lá não se tem espaço para defender a mesma coisa.

Cynthia — Daí, nós vamos viver na prática, sabe? Não adianta você deixar de colocar suas questões apenas por conta da suposição de que não vai ser aprovada.

Teresa — É por isso que nunca se ousa nada. Nunca se tem coragem de ousar as coisas, de falar o que se pensa, de avançar, porque você só fala em cima do que tem certeza que vai ser aprovado, do que vai levar ao consenso, ou do que a periferia quer, sei lá. E assim, você nunca joga na mesa na discussão questões que ajudem a fazer avançar o negócio.

Cynthia — Você coloca essas discussões na mesa do bar, você as coloca em casa. A riqueza de uma discussão de mesa de bar, por exemplo, à noite, num grupo de feministas, é muito maior do que a gente consegue na prática. É muito avançado. Mas a gente não consegue levar isso na prática: esse é que é o problema.

Trevisan — **Mas o que significa, para você, levar isso na prática?**

Cynthia — Significa, por exemplo, num Congresso, você tirar um programa tipo questões como aborto, questões como sexualidade....

Teresa — Prazer...

Cynthia — ...Coisas que são colocadas em qualquer discussão que junte duas, três feministas.

Trevisan — **Eu perguntei "na prática", porque gostaria de saber se a prática de vocês vai ser repensada a partir de hoje. Eu digo, tanto a prática política quanto a prática, digamos, a nível pessoal. Porque a modificação vai ser violenta, no relacionamento dentro do próprio grupo.**

Ana — Se eu entendi bem a tua pergunta, eu responderia o seguinte. Não tem nada que ver uma coisa com a outra. Eu, enquanto mulher, tenho uma série de atividades. Não vou abrir mão de nenhuma. Então eu sou, digamos, militante feminista. É evidente que, na minha vida pessoal, estabeleço prioridades: o que eu gosto mais de fazer, o que me realiza mais, não é nem enquanto mulher, enquanto pessoa. Agora eu acho o seguinte, que é o fundamental: tua militância política, tuas idéias com relação ao conjunto da sociedade, evidentemente elas te orientam, mas não têm que passar dissos. Na medida em que você, enquanto militante política, vai para uma frente de massa...

Trevisan — **Mas Ana, é isso que eu acho engraçado: de repente o teu feminismo não é a tua política. Para mim, o feminismo é um movimento político.**

Maria — Só é.

Maria — Mas no Congresso isso nem pintou.

Cynthia — Por isso que é importante colocar nossas questões agora; nada desse negócio de procurar a unidade em cima de falsos pontos; é importante que a gente leve adiante essa prática; quem não concordar com ela, que se dane: não tem o nosso apoio.

Teresa — Chega de a gente ser mão-de-obra de coisas que não nos interessam e manter a boca fechada. Foi nesse congresso, foi nas eleições: a gente abre mão das coisas da gente, vai lá, faz campanha e...

Cynthia — Isso é coisa de mãe, a mãe que dá. É aquele papel mais tradicional da mulher. Deus me livre! Eu não sou mãe, não tenho nada a ver com isso, Deus me livre. Chega de ser a eterna doadora...

Trevisan — **Se não, a militância de vocês fica toda baseada nessa...**

Cynthia — No princípio da maternidade **(risos).**

Trevisan — **Não só: nessa coisa cristã, inclusive: a maternidade é uma coisa bem cristã.**

Maria — Mas a maternidade como a concebe a Igreja: sem prazer. Porque a Virgem Maria concebeu virgem, não se esqueçam.

Teresa — E este é o modelo da mulher católica.

Cynthia — Que trepe quem gosta de trepar! **(balbúrdia e risos)**

Trevisan — **Quer dizer, além de pequeno-burguesas, vocês vão passar a ser todas putas.**

Maria — Aliás, vão dizer que o nosso interesse no movimento das prostitutas é exatamente esse: pra garantir nosso futuro. Tudo bem, estamos aí e tal. Vamos ver. Seguramente, freira eu não vou morrer.

Trevisan — **Só mais uma coisa: eu acho que essa preocupação de vocês de repensar a prática do movimento, essa quebra de barreiras entre o privado e o político não é uma discussão só das feministas. Vários movimentos estão se dedicando a rediscutir a prática política. Eu me lembro de cara, por exemplo, da sede com que o pessoal do grupo homossexual quer saber de feminismo; isso porque sabem que se trata de um instrumento de análise disponível, e de um trabalho de prática nova.**

Teresa — Acho que aí, inclusive, entra uma questão que a gente estava conversando: o movimento homossexual de mulheres, no Brasil, está ligado ao movimento homossexual, e não ao movimento feminista.

Trevisan — **Para o pessoal que vem de fora, é um caso único que as lésbicas, aqui, estejam trabalhando com as bichas, e não com as feministas.**

Teresa — Eu acho que essa dissociação do movimento homossexual de mulheres com o movimento feminista tem a ver com as composições, com as concessões... Com o calar a boca e tal.

Cynthia — De a gente ter que se dar mais com mulher operária que com mulher homossexual: é a tal história.

Maria — Agora, o que eu acho ótimo é que quando o Grupo Lésbico-Feminista chegou, viu-se logo que a composição social delas era diversificada. Então, é muito complicado chamá-las de alta burguesia, porque tinha operárias e negras. Isso calou a boca de todo o mundo. Depois elas, enquanto pessoas, exatamente porque fazem a crítica de uma relação de dominação, são ótimas. A prática delas, o estar com elas é educativo, a gente avança sempre, aprende.

Trevisan — **Os homens homossexuais também estão gostando muito da presença delas, e gostando exatamente porque está sendo uma checação violentérrima.**

Cynthia — Eu acho importantíssimo, também. Embora tenha esse lado negativo, elas nasceram sem contato com a gente, mas acho que devem estar nos dois lados; é fundamental que o grupo Somos também tenha mulheres.

Trevisan — **E eu estou levantando isso inclusive para que vocês possam saber que as bichas estão realmente interessadas em discutir a questão feminista; inclusive já houve duas reuniões com elas, houve uma reunião geral onde inclusive quebrou o maior pau. Quer dizer, é importante que vocês saibam disso.**

Cynthia — Mas é a questão da mudança de papéis do movimento feminista e do movimento homossexual. Isso é muito quotidiano, a questão de a mulher fazer isso e o homem... Sabe, certas tarefas domésticas: não é questão de tarefas, é uma coisa que você não percebe.

Ana — Claro, porque, no fundo, você sabe fazer melhor certas coisas, e automaticamente você vai continuar fazendo.

Maria — Por isso que a nossa luta é um negócio de todo dia, do tempo todo. É tão prático ser um militante que só milita algumas horas por dia! Como esse pessoal que só vai nas reuniões pra fazer baderna. Saiu dali, acabou o compromisso, não fazem nenhum esforço: é uma merda! Chega a ser um exercício alienante: ficam pulando, brigando e tal. Não estão entendendo as contradições, não estão avançando. Deve ser fácil mesmo.

Ana — Eu acho que, como aconteceu no Congresso, é sempre aquele negócio psicanalítico. Essa agressividade toda corresponde a recalque, sei lá, deve ser de ordem sexual.

Trevisan — **Como é mesmo aquela história sobre a prática sexual dos assim chamados revolucionários?**

Maria — Eu não sei, mas tem uma piadinha que é assim: "Comunista, quando tem mulher, não tem cama; quando tem cama, não tem mulher; quando tem mulher e cama, tem que ir pra uma reunião do partido." **(Risos)** ●

UNIVERSITÁRIO, romântico e sozinho, 22 anos, deseja se corresponder com rapazes cultos, sinceros e discretos, e que queiram um amigo. I. A. Ribeiro. Caixa Postal 25018, CEP 20670, Rio de Janeiro, RJ.

RAPAZ, 26 anos, 1,70m de altura, 70 kg, cabelos pretos, estudante de Turismo, deseja se corresponder com pessoas discretíssimas, com idade de 24 a 39, para uma séria amizade. Troca foto na primeira carta. F.M. Posta Restante, CEP 94.900, Cachoeirinha, RS.

VESTIBULANDA de arquitetura, amante das artes, gostaria de se corresponder com pessoas discretas e de boa formação para troca de idéias. Com todo o Brasil e outros países. Helena. Rua X, 328, CEP 21931, Rio de Janeiro, RJ.

GUEI assumido, alegre, simples, 1,72m 28 anos, universitário, gostaria de receber cartas de gente que deseja amar e ser amado. Tom. Caixa Postal 10047, CEP 74000, Goiânia, GO.

LOURA, 31 anos, nível universitário, 1,60m, 53kg, deseja se corresponder com moças que queiram dar e receber carinho. Cláudia. Caixa Postal 38034, CEP 22451, Rio de Janeiro, RJ.

FAZENDEIRO, solitário, deseja manter contato com jovem guei, louro, discreto, sincero amante da natureza, livre e desimpedido, para curtir uma vida com muito amor. Quarenta anos, 1,65m, 60 kg. A.S. Caixa Postal 92, CEP 38700, Patos de Minas, MG.

JOVEM brasileiro residente na Venezuela, expansivo, alegre, carinhoso, romântico, busca amigos para troca de idéias. Cartas para Robson da Costa, apartado 4275, Puerto La Cruz, Venezuela.

PORTUGUÊS, estatura mediana, moreno claro, apreciando a leitura, teatro, música e amizade, quer se corresponder com rapazes de todo o Brasil sem distinção de idade, cor ou credo. Carlos Manuel Silva Ferreira. Rua General Humberto Delgado, nº 9, 3º Direito. Fogueteiro _ Amora. 2840, Seixal, Portugal.

GUEI, 35 anos, gostaria de corresponder-se com entendidos de ambos os sexos, que residam no Rio e gostem de animais. Manoel Orlando. Rua General Severiano, 66, casa 7. Botafogo, Rio de Janeiro, RJ.

MORENA, cabelos castanhos, 1,62m, 57 kg, assumida, sensível a tudo o que é belo e bom, livre, leve e solta, quer se corresponder com mulheres. Promete resposta imediata. Nilsce Alves. Rua Tomaz Andrade, 431, CEP 30.000, Belo Horizonte, MG.

RAPAZ, moreno claro, olhos e cabelos castanhos, 28 anos, quer se corresponder com gatões para trocar idéias e futuros compromissos. Foto na primeira carta (responderá a todas). Rubens de Carvalho. Rua Venâncio Flores, 187/201, CEP 20.000, Rio de Janeiro, RJ.

PROCURO, e nesta minha busca há muita necessidade de amar e ser amada. Muito me importa a forma carinhosa e sensível como você pode relacionar-se comigo. Se lhe for importante também, escreva-me. Márcia. Caixa Postal 5.080, CEP 13.100, Campinas, SP.

DISCRETO, simples, estudante, rapaz deseja se corresponder com rapazes de todo o Brasil e e exterior (só em português) para troca de idéias. Pede foto. Carlos. Rua Catalunha, 200, CEP 05.329, Jaguaré, São Paulo, SP.

INTERESSANTE gaúcho, 29 anos, 1,68, 58 kg, deseja se corresponder com pessoas realmente discretas, de preferência de bigode ou barba. Quem remeter foto na primeira carta terá resposta imediata. Tamir Laip. Caixa Postal 3.366, CEP 90.000, Porto Alegre, RS.

COLORED, 40 anos, nível superior, 1,80m, 70 kg, discreto, amante da natureza, deseja se corresponder com pessoas do mesmo sexo e gostos, para futura amizade e bom relacionamento. Paulo Santos. Caixa Postal 1.586, CEP 20.100, Rio de Janeiro, RJ.

MORENO claro, técnico-químico, 26 anos, 1,85m, 75 kg, procura rapazes entendidos, discretos, até 30 anos e residentes no Rio. Oliveira. Caixa Postal 1.927, CEP 20.000, Rio de Janeiro, RJ.

CARTAS NA MESA

Alô, mulheres (1)

Oi, gente amiga do Lampa... Ainda estou sob a emoção do nosso 1º EBHO; quanta verdade pintou, vocês sentiram isso? Viram a força que existe nos nossos irmãos, companheiros de luta, mais que luta, vivência!? O que eu estou querendo desta vez não é denunciar nada, tampouco relatar. Quero uma ajuda de vocês, no sentido de movimentarmos as mulheres do Rio. Não quero que vocês sejam com isso, paternalistas e sim realistas... preciso de espaço no nosso único meio de comunicação oficial, e isso vai depender de vocês. Publiquem onde acharem que merece. Só posso contar com o sentido de coisas realizadas... por nós!

Não peço que esta "chamada" seja publicada como artigo pelo simples fato de querer, vocês sabem da necessidade de unirmos nossas lésbicas num trabalho em comum. Mulheres têm que participar também. Porque deixarmos que só os rapazes se movimentem? A proposta do subgrupo de atividades femininas do SOMOS-RJ é que as mulheres lésbicas dessa nossa terra se unam ao que chamamos de luta em prol de todo um ideal.

Como lutar contra a repressão sentadas na mesa de um bar, ou na pista de boite da moda? Porque a acomodação? Se a desculpa era que o "machismo" dos rapazes atrapalhavam já não pode ser usada esta desculpa: Estamos com meios de sermos ativistas, independendo da vontade (boa ou má) de qualquer outro subgrupo. ATIVIDADES FEMININAS é mais que uma tentativa de trabalho entre/com mulheres, é nossa oportunidade de, reunindo nossos esforços, sermos, também, uma força no movimento.

Meu convite é mais que isso: é uma intimação para as lésbicas do Rio e adjacências. Quero que, no próximo, RBHO, não ejamos apenas 8 organizadas, e sim uma maioria marcante. Gente, eu sei que vocês podem pensar que essa movimentação não tem muito valor, mas a gente só consegue ver isso quando está dentro do todo que é o nosso trabalho. Não sonho quando falo que nossa meta é sermos presença marcante, porque acredito que aquilo que a gente quer, é aquilo que a gente merece! Beijos mil, para a turma gostosa desse nosso Lampião.

Yonne Ludgren (Subgrupo de Atividades Femininas, Somos/RJ)

R. — **Yonne, nesta mesma página você vai ver que tem mulher querendo se chegar. E a gente aqui na casa há muito tempo que torce por isso. Atenção, meninas: Yonne está chamando!**

Mas quem não é?

Querido **Lampião**: antes de tudo o meu aplauso pelo seu desempenho. Pelo jornalismo moderno e atuante. Inteligente também. Mas contando com Aguinaldo, Adão, Trevisan, Chrysostomo, Bernardet, só podia dar nisso: um jornal que vale a pena! A imparcialidade é o principal requisito ético para o exercício da crítica, não é? Se é, a crítica de Luiz Carlos Maciel (in VEJA nº 603) merece nova leitura. Enviei uma carta para a redação da tal revista que não foi, nem será, publicada. **Lampião** entenderá porquê. É notório que Maciel levou uma surra de Gracindo Jr. nos bastidores de **A Longa Noite de Cristal**, que freqüentava apenas como marido de uma atriz da peça. E Maciel dá a maior bandeira quando "transcreve" um comentário que registrou (sic) após o espetáculo. Segundo ele, uma senhora na platéia debatia-se com o dilema: "Gracindo Jr. é ou não é gay?" E responde Maciel categórico: "Não é."

Como pode saber o crítico com tanta exatidão a sexualidade dos atores que critica? Gostaria tanto de saber... E Aracy é? E André Villon é ou não é? Jorge Botelho? E Bento? E você Maciel, ainda enrustido? Será que interessa ao público, assistindo **Rasga Coração**, se Raul Cortez é ou não é gay? Mas interessa a Maciel — e parece que interessa muito, este joguinho machista de quem é e quem não é. Coisas de tia velha em fim de carreira.

Quero deixar claro, como diretor do espetáculo, que não pretendo me defender da crítica. Pois muitas peças, calorosamente apoiadas pelos críticos especializados, foram estrondosos fracassos de bilheteria. Estranha coincidência. Crítico impiedoso mesmo é o público. E o borderô. Gostando ou não, o Michalski, Blanco, Marinho ou Macksen, trataram o nosso trabalho com respeito. Igualmente Adão Acosta. Meu abraço para a equipe lampiônica.

Álvaro Guimarães — Rio de Janeiro.

R. **Olha, Alvinho, o consenso aqui da casa é o seguinte: o texto de "À Direita do Presidente", a peça que você dirigiu, não vai além de "regular." Mas o espetáculo é ótimo! E Gracindo Júnior (a nós não interessa sua preferência sexual) está sublime, bem como o divino André Villon. A gente recomenda a todos, gueis ou não. E viva a alegria!**

CBA explica

O CBA/RJ tomou conhecimento de uma denúncia feita pelo jornal **Lampião** (mês de março - nº 22 - 1980) de que ocorreu um boicote ao documento escrito pelo companheiro Herbert Eustáquio de Carvalho no II Congresso pela Anistia realizado em novembro do ano passado em Salvador. Gostaríamos de esclarecer que quanto ao CBA/RJ não há nenhum motivo de ordem política ou pessoal para discriminar o companheiro Herbert, deixado do lado de fora da mesquinha e odiosa anistia parcial dada pelo regime militar. Muito pelo contrário, não só estamos solidários em palavras como também em atos com o companheiro exilado. Herbert não está 'órfão" e como prova disso ele constituiu como sua advogada aqui no Rio para cuidar do seus processos na Justiça a Dra. Ana Muller, que é nada mais, nada menos, membro da **Diretoria** do CBA/RJ.

Pelo CBA do Ceará não podemos falar, pois desconhecíamos totalmente este fato agora denunciado. Devido à gravidade do fato e sua possível exploração pelos reacionários e inimigos da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, gostaríamos de ver publicada esta nossa carta no **Lampião**, esperando assim que se apague a generalização injusta que se faz contra os CBA's que estariam discriminando atingidos pela ditadura no que diz respeito apenas a aspectos da vida pessoal, onde o elemento político não deve ser confundido. Nós da CBA/RJ estamos solidários com todos os movimentos democráticos neste país, inclusive, a luta das minorias por seus direitos.

Sérgio Ferreira, CBA-RJ.

R. — **Você tem razão quanto ao perigo das generalizações, Sérgio. Mas a reação do representante do CBA do Ceará quanto à preferência sexual de Herbert nos foi transmitida, inclusive, por gente do CBA-RJ. E, pra nós, não há nenhuma diferença entre esta pessoa cearense e os "reacionários inimigos da anistia ampla, geral e irrestrita". Os que fazem a luta das minorias também estão solidários com todos os movimentos democráticos neste país. Mas, meu amor, não é por isso que vamos deixar que pessoas sexistas e autoritárias infiltradas nestes movimentos venham pisar nos nossos calos. Nem mortas!**

Bicha kamikase

Prezados lampiônicos: antes de mais nada quero dizer da minha alegria em ver chegar o segundo ano de glórias do nosso jornal. Aproveitando a oportunidade quero, através de vocês, fazer um protesto e ao mesmo tempo, um aviso; acontece que nas Lanchas Rio-Niteroi (CONERJ) há um marujo, mulato, alto e forte (infelizmente não sei o nome dele) que vem agindo como um verdadeiro assaltante, um verdadeiro vigarista. Aproveita qualquer demora de pessoas no banheiro para ameaçar de escândalo, de entregar à polícia. Isso vem acontecendo com pessoas que nada tem a ver com pegação, para depois pedir dinheiro em troca do seu silêncio. Para ele o negócio já é uma mina de ouro, pois corre dinheiro grande nisso. Agora pergunto, onde anda a Administração da CONERJ que não vê isso? O que faz o Departamento de Pessoal da CONERJ para admitir no seu quadro de funcionários um sujeito desse tipo? Termino pedindo que esse aviso seja feito com muita força, para nosso bem e tranqüilidade, pois o caso é sério e deplorável. Para vocês, mil vitórias e muitas felicidades.

R. M. — Niterói, RJ

R. — **Estamos providenciando uma bicha kamikase para fazer uma incursão aos banheiros da lancha, R.M.; e se ela cruzar com o tal marujo, ele que se cuide, porque o escândalo que a menina vai fazer resultará na sua imediata demissão. Alô, alô, CONERJ: extorsão já pode? Com INPS, Fundo de Garantia e tudo? Qual é?**

Alô, mulheres (2)

Gente, aqui quem escreve não é só uma lésbica, não. Eu vou falar em nome de muitas mais, que freqüentam a vida guei aqui em Niterói, e que não estão satisfeitas com o jornal.

Que machismo é esse? Um monte de coisas que só interessam às bichas, e nada para nós, lésbicas. Aí pinta a tal Yonne com propostas de reabilitar o jornal, tornando-o interessante para nós, também. Ficamos três meses esperando notícias/entrevistas sobre mulheres e a tal guria, e nada. Parece até jogada comercial. Criação de vocês. Coisas que ela escreve, que nós apoiamos, e não aparece a tal entrevista. Cadê ela? Se o jornal continuar só com matérias de interesse masculino (vide milhões de fotos de homens e só uma, na última folha, de uma garotinha — fofinha, por sinal —, nós mulheres vamos continuar boicotando o jornal de vocês... que parece ser só para homens. Ou será que a tal guria perdeu a coragem de falar a vocês?

Juro que vou fazer campanha contra o jornal (muitas/a maioria das lésbicas andam descontentes com vocês). Pô, vê se vocês tomam jeito e deixam o paternalismo em prol dos homens de lado; só um pouquinho.

Luca — Niterói, RJ.

R. — **Como você vai ver nesta mesma página, Luca, Yonne está convocando as lésbicas, através do Lampa, para um trabalho conjunto. E a gente já passou sua carta pra ela; aguarde contato. A guria fofinha que saiu na penúltima página do Lampa/23 é a própria Yonne, que aceitou ser nosso modelo. Por sinal que nós estávamos precisando de modelos homens e mulheres, e chegamos a convocá-los através do jornal; mas só apareceram homens, infelizmente. "Lampião" não é um jornal dedicado aos homens; é apenas um jornal ao qual as mulheres estão hesitando muito em aderir.**

Bixórdia

Novocabulário guei

Glossário de termos técnicos para bichas e lésbicas interessadas em participar dos próximos congressos de homossexuais militantes, conforme pesquisa feita pelo lampiônico Peter Fry durante o 1º EBHO, em São Paulo.

MACHISMO — Qualquer tentativa de se impor sobre a vontade de uma outra pessoa, seja de que sexo for. Palavra extremamente útil como acusação dirigida à pessoa cuja palavra você quer cassar.

AUTORITARISMO — Idem machismo.

LIDERANÇA — Idem autoritarismo. Algo a ser evitado a qualquer custo, para garantir a continuidade da balbúrdia reinante numa reunião.

CONSENSO — Estado de sonolência e aborrecimento que leva as pessoas à incapacidade de votar a favor ou contra qualquer proposta concreta.

PROPOSTA CONCRETA — Este conceito se define em oposição a "proposta abstrata".

PROPOSTA ABSTRATA — Este conceito se define em contraposição a "proposta concreta".

REPRESSÃO — Regras que são inventadas pela classe dominante, e cuja intenção é nos proibir daquilo que nós queremos.

DUPLA REPRESSÃO — Quando uma pessoa é sujeita a duas repressões. Especificamente: bichas negras e mulheres homossexuais.

TRIPLA REPRESSÃO — Quando a pessoa é sujeita a três repressões. Exemplo: mulher negra homossexual.

QUÁDRUPA REPRESSÃO — Estado de graça no qual a pessoa está sujeita a quatro repressões. Exemplificando: bicha negra homossexual gorda. (N.B. — As pessoas que somam o maior número de repressões gozam de altíssimo **status** e são a inveja dos que têm menos; aqueles que não sofrem qualquer tipo de repressão — é o caso dos heterossexuais brancos masculinos — são criaturas simplesmente desprezíveis.)

MANOBRISMO — Palavra extremamente difícil de se definir. Parece se referir a uma tentativa de manobrar as reuniões por interesse partidário. Como "autoritarismo" e "machismo", é uma palavra extremamente útil para calar a boca de alguém cuja palavra nos pareça incômoda.

ESPAÇO CONQUISTADO — Bares, saunas, boates, esquinas etc., que foram tomados pelas bichas com grande sacrifício. Dois exemplos concretos: o Buraco da Maysa, no Rio, e o banheiro da Praça da República, em São Paulo.

BICHA — Termo para designar o homossexual masculino militante (não pode ser confundido com a mesma palavra fora do meio militante; neste último caso, trata-se de uma ofensa grave). É também usado por alguns para se referir a homossexuais de ambos os sexos; neste caso, para as lésbicas, trata-se de uma manifestação de machismo de quem o utiliza.

HETEROSSEXUAL — Quem não é bicha ou lésbica. Pessoas extremamente perigosas, cujo maior prazer parece ser o de criar novas formas requintadas e sutis de repressão.

BISSEXUAL — Algo que não existe; quem se diz bissexual é apenas uma bicha não assumida, com tendências ao machismo, ao autoritarismo. Há quem diga, também, que o bissexualismo é apenas uma manifestação esquizofrênica.

FACISMO — A palavra ideal para substituir "autoritarismo" e "machismo" quando se quer dar a estes insultos um peso histórico. É como se um heterossexual, em vez de chamar um homossexual de "bicha", preferisse diser "sodomita".

GRUPO ORGANIZADO — Eufemismo para se referir a certas hordas desorganizadas que vêm se alastrando pelo país.

Imaginem a Galeria Alaska no seu ritmo de "Saturday Night Fever". Na entrada da Av. Atlântica um bando de michês envelhecidos e mais ou menos maltrapilhos tentando pegar algum turista distraído. Na outra extremidade, a carne fresca, recém-chegada do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Argentina, se oferecendo com aquele despudor e a semvergonhice da inocência. No centro, a confusão da fila do Teatro Alaska, com casais de todos os sexos possíveis fazendo força para ver "Gay Girls". Não seria nada demais aquele rosto ansioso e afogueado no meio da multidão, caçando a todo vapor, se não fosse o "Kappi", o chapeuzinho que os judeus ortodoxos usam sempre, na cabeça. Com essa primeira aparição do "Kappi" na Alaska, espera-se para breve a formação de um subgrupo de judeus ortodoxos num dos grupos homossexuais do Rio.

Em Turim, Itália, o grupo FUORI, de ativistas homossexuais, entrou com um processo por injúria e difamção contra o Papa João Paulo II. Motivo: as declarações do Pontífice em Chicago sobre homossexualismo, aborto e feminismo. (fonte "Le Berdache" de fevereiro)

Numa entrevista à revista **Play — Boy** na qual reafirma todos os seus conceitos de machão empedernido, o cartunista Ziraldo saiu-se com uma novidade: diz que nunca, mas **nunca mesmo**, deu uma brochada; quer dizer, funcionou sempre a tempo e a hora, para (suposta) alegria de suas parceiras. Comentário de Rafaela Mambaba ao ler a entevista: "Eu sei porque ele nunca brochou; é por causa daquela fimose horrorosa; ela o mantém permenentemente ouriçado".. La Mambaba sabe das coisas...

Valtância, o rapaz aí da foto, é um dos atores do inquietante grupo teatral pernambucano denominado Vivencial Diversiones. Ele está no Rio atualmente, com um show **pronto e acabado, à espera de um produtor inteligente que o contrate. O** show **é da pesada, daqueles de fazer as bichas da micagem (as dubladoras)cantar de despeito (pelo amor dexDeus, bichas!! Vamos parar com essa história de dublagem, falem e cantem por si próprias!).Quem se habilita? Alô, alô, Luiz Garcia, Adão Acosta e outros que tais: Valtância está disposta a mostrar, num palco e a mil hora, que nem todos os anjos são azuis.**

●●●●●●●●●●●●

"A todos os homossexuais da Bahia": é assim que começa um apnfleto distribuído recentemente em Salvador, no qual um grupo de homossexuais daquela cidade prega a necessidade de formação de grupos para "colaborar de maneira organizada" com a luta dos homossexuais que vem tomando corpo em todo o país. O panfleto é ótimo, bastante deflagrador, e termina com uma advertência importantíssima: "No momento, esta é a nossa política. Não é política partidária, NEM LUTA PELA TOMADA DO PODER": É isso aí, moçada baiana; LAMPIÃO está aqui mesmo, à espera de um contato mais imediato com vocês. Contem com a gente.

Sartre para todos os gostos

Há, em Sartre, Sartres para todos os gostos — ou desgostos dos que pretendem renunciar ao peso da liberdade. Pode-se escolher o que ou os que nos agradem mais, penso que como em nenhum outro escritor, e esse por certo não é o menor sinal da sua grandeza.

Há o menino, o Sartre despojado e daí tão pungente, de **Les mots**, moralista e aplicado como um adulto, à mercê da paixão desorbitada da infância, e que vai se encaixando na realidade exterior e da própria madureza sem diminuir o ritmo passional, através dos anos de uma longa e trabalhada existência. Há o **charmeur** cercado de ouvintes, animado e fino como os feios desenvolvem para cativar, e que, apesar da plena ligação com uma mulher como Simone, capaz de satisfazer as mais variadas exigências de um homem, em pensamento, letras, política, em casa e na rua, admite que nunca superou o apelo das fáceis, indo regularmente dormir com alguma. Há o generoso, que recusou a bolada do Nobel por princípios antiburgueses e que andava com montes de dinheiro no bolso, indiferente aos riscos e distribuindo as maiores gorjetas de Paris, e que financiava a quem lhe batesse à porta, se achasse justo o pedido.

Há aquele cuja glória nunca alterou a modéstia, como se orgulho e vaidade desaparecessem sob a constante obrigação de servir, como um santo, e certamente mais que a maioria dos canonizados. E há, no santo, a de se esperar ira sagrada com que investe contra o mesquinho espírito burguês, os tiranos, os aproveitadores, os impiedosos. Se em polêmicas sobre sua obra, nem sempre é polido, é mais por uma questão de tom local; numa paixão cultural incomum entre nós, os europeus, quando discutem, é pra valer; mas ele, mesmo se deixando levar, não chega à imodéstia. Há o faminto do Absoluto que, racionalmente obrigado a desistir de Deus, chega às fórmulas dum absolutismo assustador de **L'être et le néant**, como a que pretende medir o valor dos projetos humanos pela autenticidade sem levar em conta o efeito social, ou a que define o homem como "uma paixão inútil", porque quer ser e existir ao mesmo tempo, visando se tornar o Deus que não pode enquanto homem, ou a mais popular, em **Huis clos**, **"o inferno são os outros", o que, se é certo, pelo menos esconde que os outros são também a nossa possibilidade de céu.**

Há esse inquietante herói existencialista, autorizado pela devastação da Guerra, e há, com os anos, sua descida à política como democrata e humanista. Como Marx, a cujo pensamento enfim se abre, procurando acirradamente, no inacabável e complexo raciocínio da **Critique de la raison dialectique**, se responder como de fato funciona a praxis dialética, ao mesmo tempo em que vai soando as clarinadas dos artigos de denúncia, dum patos inéditos porque o político nele desperta o poeta. Passa assim aos poucos o existencialista a se responsabilizar nada menos do que pelo mundo, protestando por si e os redatores de sua revista, **Les temps modernes**, contra as injustiças em curso, ocorram onde ocorrerem.

E há, sempre, o Sartre disposto a saber tudo do homem, num desvelamento ininterrupto e que o hábito do método fenomenológico faz passar por ele mesmo. Da perspectiva existencial, tenta pôr a ordem da razão no freudismo e o resultado é uma psicanálise nova que chama de existencial. Menos viável socialmente pelo que exige de informação e lucidez, essa psicanálise chega a ser no entanto mais provável que a freudiana quando manejada por seu fundador, como nos estudos biográficos que publicou sobre Baudelaire, Genet, Flaubert. Nos anos 50, ela parecia mesmo capaz de renovar por dentro a psicanálise, como a partir da década anterior o existencialismo, e em grande parte pelo influxo da obra sartriana, renovara a literatura mundial. Depois, podendo ser trocada em miúdos sem perder a efetividade, a enorme instituição freudiana estabelecida acabou prevalecendo, o que não está mal, por se tratar de uma instituição crescentemente aberta.

Nem estranha a dificuldade porque o homem, quando começava a pensar, não se detinha, o que aliás representa uma questão de **status** para os filósofos. Ele conta que escrevia fácil, a qualquer hora e lugar, seus livros de pensamento. Heidegger, para manter a autenticidade do pensar, pretendia escrever como pensava, o que, se preserva a poesia do primeiro jato, perde a clareza que só uma boa arrumação dá. Sartre, um pouco na mesma, tem páginas de verdadeiro porre racionante, ainda que sem perder a clareza como o outro. Mas bem que se teria preferido que buscasse ser, francesamente, mais sintético e arrumado. Podia: seus ensaios recolhidos nos nove tomos de **Situations** (com outros sem dúvida a saírem, se não já) primam pela organização. Mas afinal tudo se redime pelo estilo, um estilo de mestre, com um poder persuasivo que vem da certeza e capaz de resumos e frases que empolgam como versos.

E há mais Sartres. O repórter-poeta dos textos sobre Nova Iorque, o inovador teórico e crítico da literatura, o aprisionado pelos alemães e o fugitivo resistente, arriscando a cabeça com coragem exata, calma, o homem que não acreditava no amor e não só viveu amando como, com Simone, o casamento inoficial mais solidário e inspirador de sua época. Há mais. E ainda a obra.

Em teatro, começa pela obra-prima que é **Les mouches**, dum tipo bem francês, todo apoiado no diálogo, em prosa se diria para poder aperfeiçoar a unidade do próprio efeito poético. Alguns Giraudoux, **La ville dont le prince est un enfant** de Montherlant é o que no gênero se aproxima, entre os contemporâneos, dessa realização maior. Logo, a perfeita maquinaria cênica de **La putain respectueuse** e de **Huis clos** e depois as peças que exaurem o próprio tema, **Les main sales**, **Le Diable et le Bon Dieu**, onde Goetz, nova projeção do autor como o Oreste de **Les mouches**, também a enfrentar o problema do bem e do mal ou da ação humana, mostra como o autor, no tempo decorrido, fincou os pés na terra, **Les séquestres d'Altona** e os brilhantes, tragicômicos **Kean** e **Nekrassov**. É um mundo, embora um tanto particular, ou demasiado sartriano, para o teatro universal. Mas não é forçoso considerá-lo o maior dramartugo do tempo, como tem acontecido, especialmente se levando em conta, para começar, que outras peças da época — de Brecht, Beckett, Ionesco, Miller, Williams — mantém melhor seu original poder de atração. O que tem de se reconhecer é que ele foi de fato um homem de teatro, criou consistentes personagens em cenas vivas, por saber armar um diálogo falável e incluindo um pensamento e uma poesia cuja complexidade — vejam-se os tomos filosóficos — só gênio cênico saberia reduzir. Suas peças são, por ele se exprimir inteiro nelas, pois, de outra forma, soariam falsas, não seriam. E como ele foi tudo o que foi, ao menos quanto à grandeza essas peças não temem confrontos.

No narrador, a obra-prima são as novelas de **Le mur**, embora **La nausée** possa se fazer admirar ainda mais pela sutil riqueza com que pinta o personagem-tema existencial. Mas em parte pelo clima de desamparo e rejeição, o livro é cinza e menos respirável. O brilho das novelas ressurge nos três longos romances dos **Chemins de la liberté**, especialmente no primeiro. Algo porém pesa neles, devido às manifestas intenções de forma e direção narrativa, até certo ponto em contraste com a espontaneidade que tão bem defendeu para o romance no artigo sobre Mauriac que marcou data na crítica. Repegar **Le mur** é voltar ao inicial deslumbramento; um pouco menos, **La nausée**; já os **Chemins** soam demasiado cheios e datados, fáceis de largar.

E pensar que tudo isso, como volume de obra, equivale a menos de um décimo do que produziu no ensaio, filosófico, crítico, político, biográfico... haja homem! E o escritor, o artista da palavra, acudiu sempre ao inumerável que esse homem quis ver e viu, pois fazer e fez. Tanto que o número de suas páginas criadoras como expressão, resultou sem dúvida maior ao se dispor apenas a pensar do que quando deliberadamente criou.

Que Sartre escolher? Gostaria de ficar com um pouco de cada um deles, pois mais que um pouco iria decerto além da minha cultura e há o que admirar em cada aventura criativa desse ser que se identificou com o humano à vista, levado por uma insaciável sede de verdade e humanidade que é enfim o melhor também na gente. E quanto a mim, ele deu mais que motivos de admiração, deu razões de viver. Atraído como ele pelo Absoluto, dentro da herança religiosa ainda forte em minha geração, foi diante do seu exemplo que pude dar o árduo passo para superar esse enfim egotismo, por sublime que possa nos parecer. Com ele também me vi na juventude livre e responsável e como o homem do **Existencialisme est un humanisme**, votado à ação como o caminho real para ser, e tenho a idéia de que por isso o espaço que abri à liberdade foi maior. Depois, me distanciei um pouco de sua obra na medida em que as realidades brutais do capitalismo me conduziam a uma visão social de cunho marxista. De modo que foi uma felicidade deparar com a mesma direção no prefácio da **Raison Dialectique**. Posteriormente, constatando os limites desumanizantes da prática socialista como vem sendo imposta e urgência de pensar tudo de novo, lá estava ele, sempre na brecha, um dos primeiros socialistas a criticar o socialismo, justamente para salvar para o homem essa esperança necessária.

Esse, enfim, o meu Sartre, que sei não é nem precisa ser o de todos, já que a riqueza de sua vida e obra é para múltiplas ocasiões e posições. Ele buscou a verdade e o bem sem mesmo o orgulho de não se contradizer. Onde vislumbrasse o certo ou o errado, já o estava dizendo com o verbo magistral, cujo esplêndido excesso o levou além da crítica, às formas ditas criadoras e, na crítica, à criação. Diria mesmo que a mais ampla lição de sua busca, e a mais oportuna na medida em que as sociedades atuais tendem a coibir o indivíduo no homem, está em demonstrar ao que pode chegar alguém disposto que crê em sua liberdade.

Paulo Hecker Filho